Keity
José Guimarães e Silva
Virtualbooks

Keity

José Guimarães e Silva

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks, com autorização do Autor.

O Autor gostaria de receber um e-mail de você com seus comentários e críticas sobre o livro.

A VirtualBooks gostaria também de receber suas críticas e sugestões. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições: **Vbooks02@terra.com.br** Estamos à espera do seu e-mail.

www.terra.com.br/virtualbooks

Virtual Books Online M&M Editores Ltda.
vbooks01@terra.com.br
Rua Benedito Valadares,429 - Centro
CEP 35660-000 - Pará de Minas - MG

Keity

ÍNDICE

1. **O ruído**

À tarde as meninas estavam sentadas no sofá da sala, assistindo a um desenho na televisão.

De repente Sônia se impacientou. Perguntou para Carla:

- Foi você?

- Eu o quê?

Pausa.

- Não estou fazendo nada!

- Então não foi você que uivou feito cachorro?!

- Eu não! Não sou cachorro.

Voltaram a ficar caladas. Sônia, entretanto, desconfiada observou a irmã mais nova. Esta continuava de olho na TV. Todavia, como o ruído continuava, Sônia falou:

- Foi você, sim, Carla! Eu vi!

- Você viu o quê, Sônia? Por acaso você está ficando biruta?

Calaram-se novamente. E novamente Sônia vigiou Carla. Esta não desgrudava os olhos da TV.

Sônia aguçou os ouvidos. Desta vez percebeu que o ruído que tanto a incomodava vinha da porta da rua. Mas que ruído era esse, afinal? Tentou concentrar-se na televisão, não conseguiu.

No vídeo Jerry aprontava mais uma das suas com o pobre Tom e o gato bobalhão como sempre corria feito doido atrás do rato esperto.

Enquanto isso na porta o ruído aumentou.

- Carla, você está escutando?

- Estou. Vem da porta da rua.

- Será Veludo querendo entrar?

- Não, Veludo está lá dentro, está no quintal.

- Tem certeza?

- Tenho.

- Quem será, então?

- Não sei... Alguém está arranhando a porta querendo entrar... Sônia, estou ficando com medo. Não é melhor a gente chamar mamãe?

- Não.

- Por quê?

- Porque não, ora! Não vê que mamãe tá ocupada, lá dentro? – Em seguida propôs: - Vamos ver?

- Eu não! E se for o homem-do-saco? Mamãe outro dia falou assim que é pra gente não abrir a porta da rua pra ninguém, porque senão... Ela falou assim que é perigoso por causa do homem-do-saco.

- Mas nós não precisamos abrir a porta!

- Como? Sônia, Sônia, eu acho que não devemos.

- A gente olha da janela do quarto da mãe! Vamos lá?

- Eu não! E se for mesmo o homem-do-saco?

- Ora, Carla, eu já te falei que esse tal de homem-do-saco não existe! Ele é invenção de mamãe. E ela faz isso pra amedrontar a gente. Você vem comigo ou não vem?

- Eu vou, mas... estou com medo.

E foram. E por uma fresta na janela, viram o autor do ruído: um cachorrinho totalmente branco, peludo, que arranhava a porta furiosamente, querendo entrar. Observaram caladas o animal sem que este as visse. E em silêncio, abriram a janela. Entretanto, como o cachorrinho arranhava a porta e esta não cedia e ele chorava, riram chamando a sua atenção. Então ele as avistou e balançando o rabinho andou em direção à janela. Então elas imediatamente desceram da cama e correram até ele.

- Coitadinho – apiedou-se Carla. – Vai ver, tá com fome. E com frio também. (A tarde estava fria e chuvosa.) E Tratou de recolher o indefeso animal.

- Como será que ele veio parar na nossa porta, hem, Sônia?

- Sei lá, deve ser alguém que trouxe.

- Mas alguém quem, Sônia?

- Como posso saber, Carla! Você também faz cada pergunta!

- Vamos ficar com ele pra nós?

- Vamos! Mas... será que mamãe vai deixar?

- Ora, a gente esconde ele dela!

E assim fizeram, isto é, tentaram fazer, porque ao vê-las entrando, pé ante pé, uma ocultando a outra, Antônia que já andava com a pulga atrás da orelha, lá de dentro perguntou:

2. **Aqui, não!**

- Que é que minhas filhinhas estão me aprontando desta vez, hem?

- Nada, mãe! – respondeu Sônia. – Estamos somente brincando.

- Brincando na porta da rua? Já não falei que é pra não abrirem a porta da rua? E o que é que Carla está escondendo de mim?

- Nada, mãe!

- Como nada, se estou vendo daqui? Já não falei também que é pra não mentirem pra mim? Hum, esperem só até eu ir aí pra ver!

Sônia decididamente tomou a dianteira e mostrou:

- É um cachorrinho, mãe, achamos ele na porta da rua.

- Acharam, é? E o recolheram sem meu consentimento?

Antônia aprontou sua postura de mãe durona e depois perguntou:

- Quem foi que deu ordem pra abrirem a porta?

Silêncio total.

- Alguém pode me responder? Hem?

Ninguém respondeu.

- Pois tratem de levar esse cachorro de volta daí mesmo porque eu não quero nem saber! – E antes de voltar aos seus afazeres, acrescentou:

- Aqui não tem espaço pra vira-lata nenhum!

Mas quem disse que as meninas voltaram?

- Ele não tem casa pra morar, mãe, por isso pegamos ele – argumentou a filha mais velha.

- Não quero nem saber! Aqui é que não vai ficar também! Já imaginaram, se todo vira-lata que aparecer na porta da rua vocês recolherem, daqui a pouco não vamos ter lugar nem pra andar, nesta casa! Portanto, e antes que eu me enfeze, tratem de voltar logo com esse cachorro daí mesmo, entenderam?

Afastou-se e após uma pausa, desabafou:

- Então já não chega o Veludo pra me atazanar? Malhado de contrapeso? E ainda tem vocês! Pra que mais cachorro?

- Só mais este, mãe.

- Não e não! Já falei! Não quero mais saber de mais cachorro aqui! De criação nenhuma, aliás, só serve pra me dar trabalho.

Sem falar numa galinha que eles criavam tempos atrás. E

um papagaio. A galinha num inesperado dia amanheceu morta. O papagaio alguém o roubou.

- Se papai chegasse, ele deixava – disse Sônia.

- Deixava, é? Então fique aí esperando seu pai chegar! Só quero ver até quando.

- Vamos ficar com o cachorrinho, mãe – tornou ela.

- Eu quero ele pra mim, mãe – implorou Carla entortando a boquinha, seu gesto característico de choro.

- Vai chorar, é? Nada de choradeira aqui! Não quero saber de choro sem motivo hoje nesta casa. Tem cabimento?

As meninas não arredaram o pé. Antônia também. Deixando inclusive os afazeres.

O Sol que mal aparecera declinava no horizonte. A tarde já se ia morrendo, breve seria noite, e o problema persistia.

Antônia avisou:

- Quero saber se vão ficar aí com esse cachorro até de noite! Se vão, me avisem.

Carla insistiu:

- Deixa a gente ficar com ele, mãe.

E Sônia prometeu:

- Se ele ficar eu cuido dele.

Antônia até riu.

- Essa é boa... Se não sabe cuidar nem de si própria, vai saber cuidar do cachorro?

- Eu aprendo.

- Hum, era só o que me faltava por hoje.

Bem, para não encompridar a discussão, vou dizer que as meninas permaneceram no mesmo lugar e, decididas como estavam, pareciam dispostas a ficar aí por muito mais tempo. Afinal, para elas o lema era: lutar sim, desistir nunca. Só que esse lema era adotado por Antônia também, pois, irresoluta, permanecia firme mantendo sua postura de mulher durona, malgrado ser dominada por uma condolência, por um sentimento que a fazia ver com bons olhos o indefeso animal, tão novo e já abandonado. “Seria bom se ele ficasse”, pensou, porque assim faria companhia às crianças, tão sozinhas ultimamente. Porém, pensando melhor, desistiu da idéia.

Entretanto, como mãe é mãe, foi atingida por um facho de luz que acendeu sua mente; lembrou que as meninas viviam brincando com Maricota, filha da vizinha que morava no porão. E freqüentemente brigavam. E Minervina, mãe da menina, vivia esbravejando quando estava de cornos virados, procurando briga com Antônia. Tinham, portanto, como única distração a TV. Era

TV de manhã, de tarde e muitas vezes até de noite, quando custavam a pegar no sono.

Se bem que houvesse ainda um porém: atravessavam um período de vacas magras, talvez tivessem que mudar de casa, porque o proprietário vinha exigindo um valor demasiado alto para a renovação do contrato de aluguel que estava por vencer. Adiantava explicar isso tudo às meninas? E se precisassem de fato de mudar de casa, será que na outra haveria quintal para os animais? Tinha de pensar em tudo isso. E num lampejo de tempo ela pensou, enquanto observava as meninas. As meninas e o cãozinho, testemunhando a amizade que crescia entre eles. E tudo lhe parecia tão... comovente e... gratificante.

Carla soltou o filhote, este imediatamente estendeu as patinhas como se estivesse se exercitando e ensaiou uns passinhos, olhando em torno desconfiado e ternamente para a dona da casa e deu um latidinho, como se estivesse sobremaneira implorando para ficar. Então Antônia pôde perceber como ele era engraçadinho, espertinho, bem mais bonitinho do que quando o vira pela primeira vez. E se encantou pelo bichinho! "E se ficasse com ele?", pensou. Afinal, se fosse posto na rua certamente morreria, coitado, de fome ou de frio. Ou das duas coisas ao mesmo tempo. Ou ainda pisoteado por alguém. E sentiu um calafrio na espinha, "ai, credo!", ao admitir essa hipótese. Ficaria com remorso pelo resto da vida.

- Tragam ele aqui pra eu ver.

Carla hesitou. Ao invés de adiantar, apanhou do chão o filhote e deu um passo para trás arregalando os olhos, desconfiada. E se a mãe estivesse querendo o filhote somente para se desfazer dele? Não, a mãe não teria coragem de fazer isso. Será? Só que a menina tinha lá suas dúvidas, afinal, por isso preferiu continuar distante.

- Deixa eu ver o cachorro – pediu Antônia novamente (desta vez com mais calma).

- Não! A senhora está querendo enganar a gente.

- Não estou. – Pausa. – Carla, prometo que só vou dar uma olhada; quero ver se ele não está doente.

- Ah, é, a senhora é muito espertinha, não é, mãe? Aí, se ele estiver doente, manda a gente levar ele de volta prá rua, não é?

"Acertou em cheio", pensou Antônia. Se bem que não respondeu.

Carla (isto somente depois de muito custo) entregou-lhe enfim o filhote.

Antônia então sentou-se com ele no colo e pacientemente pôs-se a examiná-lo. Primeiro eriçou todo o seu pêlo como se

procurasse pulga. Não encontrando, virou-o para cima quando arregalou os olhos e imediatamente o rejeitou.

3. Não é cachorro!

- Não é cachorro! É cadela! – gritou, ansiando com sua revelação provocar espanto. – E acho bom levarem ela já prá rua – ordenou, pondo-a no chão. – Quem sabe ainda dá tempo de aparecer algum dono hoje.

- E o que é que tem isso, mãe? – perguntou Sônia, indiferente à ordem de expulsar o cachorro. – A senhora por acaso não gosta de cadela?

Antônia bem que quis responder que “não”, porém se conteve. Se durante o tempo todo ela incute nas crianças a necessidade de amar os animais, a todos os animais, sem distinção de raça, cor ou tamanho, então por que agora justamente ela vem com essa idéia de discriminação (ou diferenciação)? E com quê fundamento?

- Existe uma diferença sim entre cachorro e cadela, quando se trata de cuidar dele, ou dela , de criar... – tentava explicar, sabendo de antemão que seria inútil. Mas continuou. “Cadela dá cria”, pensou, admitindo também que de nada adiantava explicar isso para as filhas, “e depois a gente fica sem saber o que fazer dos filhotes”, sentindo-se ridícula, porque, além de elas não discernirem diferença alguma, pouco ou nada se lhes importava saber nesse momento se o filhote é macho ou fêmea.

- Não tem importância, mãe – disse Sônia - a gente cuida dela assim mesmo.

Aí foi que Antônia ficou mais desconcertada ainda. E admitiu que seria difícil convencê-las. Destarte, querendo dar o assunto por encerrado, ordenou:

- Levem essa cadela prá rua agora mesmo! Já perdi tempo demais com isso e ainda tenho muito o que fazer. E já está passando da hora também de irem tomar banho e trocar roupa.

Por que não reunir coragem para ir ela mesma levar a cadela para a rua? Boa pergunta!

- Se vocês não tem coragem pra fazer isso, eu tenho! – disse decididamente por fim. Mas... Hum... Por dentro bem que

Dona Antônia estava morrendo de vontade de adotar a cadelinha. Mas o que fazer? Só faltava somente um empurrãozinho, claro, em favor das meninas, de alguém que fosse de peso, para a cadela ficar. E esse "empurrãozinho" logo veio, na chegada da noite. Quer saber como? Aguarde só mais um pouquinho, por favor.

Efetivamente, numa discussão somente prevalece a imposição do mais forte quando o mais fraco não procura argumentos cabíveis. Percebendo que a situação não lhes era favorável em nada, as meninas recorreram ao método infalível que toda criança tem de convencer os adultos: botaram a boca no mundo e choraram que nem gente grande. Aí foi que Antônia ficou mais desorientada ainda. No entanto, incrível, mesmo assim procurou manter firme sua decisão de expulsar a cadela. Eta mulher durona!

Tentou consolar as meninas como pôde, claro, que é obrigação de mãe, prometendo isto e aquilo mais tarde; inclusive arranjar um cachorrinho bem mais bonito que aquele. Porém seu convencimento também de nada adiantou, pois as meninas mantinham firme sua decisão de ficar com a cadela.

- Não adianta, mãe – disse Carla decididamente. – Eu não quero outro cachorro, quero este, agora!

- Eu também – reforçou Sônia, enxugando as lágrimas que rolavam em seu rosto.

Antônia até suspirou; de raiva, claro. Ah, noutros tempos tomava logo o filhote delas e zás! Rua! Nem um pio a mais, nem um pio a menos. E em seguida as poria no banho. E logo em seguida, à mesa para o jantar. Mas agora?... Que estava acontecendo afinal?

4. Enfim, o consentimento

As meninas ainda choravam no momento em que o "empurrãozinho" chegou. Dado por Ismael, irmão de Antônia, que também residia ali.

- Que choradeira é esta, meninas? Por acaso morreu alguém?

- É a mãe, tiooooo... - chorou Carla. – A mãe não deixa a gente ficar com o cachorrinho. E nós queremos ele pra nós, ôooo...

Ismael pegou o filhote. Ergueu-o no ar.

- É cachorro ou cadela?

- É cadela, Ismael! – gritou Antônia lá dos fundos.

- Mas não é uma gracinha? Ah, coisinha engraçadinha... por que não podemos ficar com ela, Mana?

- Porque não tem lugar, Ismael.

- Ora, isso a gente arranja. Ela é tão piquinininha, coitadinha. Cabe numa caixa de sapato. Eu arrumo uma, dos meus. E mais tarde faço uma casinha de madeira lá no quintal pra ela.

- Faz, é? O galpão que pedi estou esperando até hoje. Acho que a madeira já até apodreceu.

- Não fiz por falta de tempo, Mana. Pura falta de tempo. Você sabe que quando prometo eu sempre cumpro. E acho bom a cadela ficar porque esta noite vai fazer muito frio e ela não tem como se proteger. E você não vai querer que ela morra de frio, vai?

“Pronto! Mais um pra protelar a permanência da cadela.”

- Por mim, Ismael, ela pode ficar. Só não garanto até quando.

- Oba!

As meninas comemoraram pulando sem parar, abraçando-se mutuamente. Em seguida à mãe e ao tio. A euforia era tanta que até a cadela pulou de alegria também, sempre abanando o rabinho, como se estivesse agradecendo a acolhida.

- Não precisa ficar tão alegrinha assim – disse-lhe Antônia – porque se Jonas não quiser que você fique, adeus!

Jonas, no entanto, não opôs nenhuma resistência; somente reclamou apreensivo:

- Já temos boca demais pra alimentar aqui, Antônia.

Mas deu-se logo por vencido. E assim, o filhote tornou-se o mascote da casa, destronando Veludo, um cachorro velho que havia na casa, um pequinês preto resmungão que passava horas no quintal latindo a esmo ou tentando morder o próprio rabo.

Porém ele simpatizou-se logo pela cadela. Acercou-se dela. Somente brigou feio na hora do mingau. Daí Antônia percebeu que ele estava com ciúmes e optou por mantê-lo distante dela.

Nessa noite, apesar do frio, Malhado custou aparecer para dormir. Antônia ajeitou seu canto. Abriu a porta. Lá fora o vento sibilava. Será que vai gear? E por onde andava esse gato, afinal?

Malhado era um gato deveras manso que passava a maior parte do tempo nos telhados. Pouco miava. Costumava dormir de tarde embaixo da mesa da cozinha. E quando dormia não gostava de ser incomodado. De manhã corria atrás das pombas e pardais que pululavam no quintal. Ficava deitado no muro e

quando tinha chance, zas! Era uma pomba ou um pardal a menos na face da terra.

Entretanto, Antônia, quando o queria por perto, esfregava a faca numa pedra que ele logo vinha. Malhado era parado numa carne crua.

Pois bem, nessa noite, foi o que ela fez. Só que Malhado não apareceu. Então ela ficou preocupada. Devido ao frio. Estava frio de lascar. Será que aconteceu alguma coisa ao gato? "É por isso que não gosto de animal em casa?" Já pensou se gostasse? E quando havia a galinha? Esta não foi muito longe porque contraiu uma doença que a ascendeu mais depressa ao céu. "Ainda bem que foi assim", suspirou Antônia no dia em que a enterraram no quintal, "pelo menos não teve o destino das outras, indo prá panela". Belo consolo.

Para surpresa dela o gato nessa noite entrou, indo direto ao cantinho que lhe era reservado. Antônia suspirou um ah, de alívio, claro, agora a "Arca de Noé" estava repleta. Não faltava mais nenhum animal. Graças a Deus, ufa! E que trabalheira!

5. Um nome para a cadela

Na manhã seguinte as meninas pularam da cama mais cedo. E na ânsia de brincarem com a cadela ambas correram à mesa para o café.

Antônia suspirou aliviada. "Ainda bem que hoje não preciso lavar roupa", pensou, enquanto preparava o mingau para a cadela, porque se fosse, teria trabalho em dobro. Deu-lhe o mingau. E descobriu que ela não sabia sugar direito, isto é, com a pressa de beber mais derramava que engolia. Então preparou uma mamadeira e deu-a. E com isso gastou muito tempo. E descobriu que cuidar do filhote é tão trabalhoso quanto cuidar de um bebê.

E se tivessem mesmo de mudar de casa? Para uma casa sem quintal? E menor? E se... Lembrou-se da amiga antiga dona de Veludo que tivera o mesmo problema tempos atrás, foi por isso que o cachorro ficou aos seus cuidados. Só que Madalena não retornou e Veludo ficou fazendo parte da família. Portanto, já nem se lembrava mais havia quanto tempo Veludo morava na casa. Agora ele já estava velho, quem iria querer um cachorro velho? Contudo, procurou não mais pensar nisso, pelo menos nesse momento de felicidade.

Enquanto isso as meninas discutiam um nome para a cadela.

- Bruna não pode! – disse Sônia. – Bruna é nome de gente. E cachorro não pode ter nome de gente. Cachorro tem que ter nome de cachorro. Não é, mãe?

Antônia continuava pensativa.

- Cachorro tem o nome que a gente dá – rebateu Carla. – Eu quero Bruna. E tem que ser Bruna.

- Bruna não pode, já falei! Não vê Veludo? Malhado? Eles não têm nome de gente.

- Malhado não é cachorro!

- É gato, eu sei, mas e daí? É criação do mesmo jeito.

Porém Carla dificilmente se dava por vencida.

- Se é assim, sua espertinha, por que o cachorro de Dona Eliana tem nome de gente?

- O nome dele é Edu. E daí? Mas é porque Dona Eliana não gosta de Seu Eduardo. Por isso ela pôs esse nome no cachorro dela, de raiva.

Nesse momento Antônia caiu na real.

- Como foi que você ficou sabendo disso tudo, hem, Sônia? – Indagou ela surpresa. – Sabia que é feio se intrometer na vida dos outros?

- !

- Nome de cachorro... Nome de cachorro... – Carla ainda não se conformava. – Por que nome de cachorro?

Antônia então sugeriu:

- Que tal Peludinha?

- Peludinha? Nome feio, credo! Não gosto dele – opinião imediata e sincera de Carla.

- Eu também – confirmou Sônia.

Entretanto, mesmo não aprovando, Carla chamou a cadela:
- Peludiiinhaaa!

A cadelinha logo içou as orelhas e correu para a menina.

- Viu – disse Antônia -, como ela gostou?

- Mas eu não gostei. E não quero saber desse nome.

- Que nome você quer então, menina exigente? Então encontre sozinha um nome para a cadela – desabafou por fim Antônia, indo cuidar de seus afazeres.

E continuaram as duas a discussão acalorada. E em discussão passaram o dia inteiro. Continuaria também a cadela sem nome caso não fosse a interferisse Ismael de noite.

- Princesa é um nome muito bonito – sugeriu ele.

- Mas não serve! Ela não é princesa.

- Então Bilá?

- Que tal Keity?

Esse último nome Ismael se lembrou por causa de uma

cadela que ele conhecera em Cuiabá, de um seu amigo, que na época achara muito bonito. Contudo, necessitava aprovação.

- Keity não é nome de gente? – perguntou Sônia.

- Nunca pensei nisso. Não sei. Pode ser...

- Desse nome eu gosto – aprovou Carla.

- Nossa! Até que enfim! – admirou-se Antônia. – Passaram o dia inteiro discutindo nomes.

- Contudo – disse Ismael - , como Sônia parece que não gostou, vamos pôr em votação?

E imediatamente dobrou uns papelotes com alguns nomes. E improvisou uma urna. Urna? Isso mesmo! Ismael sempre arranjava tempo para essas coisas. Gostava de intermediar nas discussões. E foi o que ele fez, com trapaça, claro.

- O nome vencedor é...

Silêncio absoluto.

... Keity!

- Oba!

Carla torcia por esse nome. Sônia, nem tanto, e ficou ressabiada, por achar que Keity é nome de gente.

Todavia, como não se pode agradar a gregos e troianos ao mesmo tempo, o nome aprovado foi Keity e a partir daí ninguém mais tocou no assunto. Ufa!

6. As travessuras de Keity

A primeira das travessuras de Keity foi enfiar a cabeça numa lata de doce de leite que encontrara no lixo. Foi sufocante. Passou algum tempo tentando se livrar da lata. Como não saía, desandou a chorar foi quando Antônia a acudiu, ainda em tempo.

Nesse mesmo dia, após o banho, bastou Antônia deixar a porta da cozinha aberta para que ela fosse até o quintal e se emporcalhasse de lama.

- Parece até que faz de propósito! – esbravejou Antônia. – Desse jeito vou ter de deixar você amarrada o dia todo.

Contudo não fez nada disso.

Noutra oportunidade, quando Malhado dormia tranqüilamente debaixo da mesa da cozinha, a cadela foi pé ante pé até ele e por algum tempo acompanhou com os olhos o movimento do rabinho que para ela assemelhava a uma cobra. Ah, Keity não resistiu. Deu uma bela mordida no rabo do gato. E este não deixou por menos. De um bote enfiou as unhas no focinho dela, por um triz não atingindo os olhos, e desceu as

escadas, deixando a cadela ali uivando de dor, numa angústia que dava dó. E lá se foi a beleza de Keity por uns dias, camuflada pelos curativos diários que Antônia fazia. Mas daí você pode estar se perguntando: ela parou com isso? A resposta é “não”.

- Quem sabe assim você aprende a não provocar o gato – ralhou Antônia. Mas qual! Quem foi que disse que ela deixou o Malhado em paz?

Passaram-se dias, meses, Keity crescendo, tormento para Antônia, pois quanto mais ela crescia, mais travessuras fazia.

Um dia, no entanto, ela amanheceu muito triste, esquivando-se o tempo todo; não atazanou o gato, tampouco correu no soalho como costumava fazer diariamente. Somente andava de um lado a outro desorientada, desambientada, deitando-se em seu canto, olhando as pessoas de maneira triste, desconsolada...

- Keity está doente – desconfiou Antônia. – Mais esta agora...

De imediato preparou um remédio caseiro. Deitou-a no colo. Esta logo cerrou os dentes. Ah, com a experiência que Antônia tinha em dar remédio para criança, não houve jeito de Keity escapar. Com uma das mãos abriu sua boca e com a outra despejou o líquido. Keity engoliu tudo – certamente nada gostoso pela careta que fez – até que o copo ficasse totalmente vazio.

- Querendo me enganar, hem, sua espertinha? Ninguém engana a mamãe aqui, não!

Depois disso Keity dormiu um longo tempo e quando acordou, para a felicidade da dona da casa, já estava bem mais animada.

- Você é uma enfermeira e tanto, Dona Antônia – disse Minervina que estava por perto. – Nem sei o que seria de nós se não fosse a senhora.

- Que nada. Só sei alguns remedinhos...

Remedinhos? Todos elogiavam sua habilidade em preparar remédios. Às vezes brincavam dizendo que ela era uma fada (ou mesmo uma bruxa boazinha) por ter mãos tão milagrosas. Porém ela não se inflamava com isso.

Pois bem, nesse dia seu contentamento foi em dose dupla. Primeiro devido ao restabelecimento da cadela. Segundo porque Jonas lhe dera a boa notícia.

- Não precisamos mais mudar de casa.

- Falou com o Seu Manoel? Que foi que ele disse?

- Calma, uma coisa de cada vez. Falei e aceitou minha

proposta.

- Que maravilha, Jonas! Eu sabia que Seu Manoel não ia nos deixar na mão.

Nesse momento Keity roçou o corpo na perna de Jonas. Ele ergueu-a do chão.

- Não é que você está nos dando uma sorte danada?

- Ela está adoentada – disse Antônia.

- Qui qui ela tem?

- Não sei. Se for dor de barriga com o remedinho que dei logo ela sara.

- Engraçado... tem hora que ela me faz lembrar aquele vira-lata que tínhamos... lembra dele, Antônia?

- Lembro...

- Ah, como sinto saudades do danado.

Momento em que Carla entrou na cozinha e perguntou:

- Que aconteceu com o cachorro, pai?

- Morreu atropelado.

- Cruz credo! Nunca que quero que Keity morra atropelada. Também, com tantos motoristas doidos andando por aí...

Jonas riu. "Às vezes essa menina leva jeito de adulto", pensou. E advertiu:

- Já que você tocou no assunto, não quero que você e sua irmã brinquem na porta da rua, está me entendendo? Na de ficarem fazendo traquinagem enquanto a mãe de vocês trabalha. Muito cuidado, porque papai fica trabalhando o dia todo lá longe e não quer que aconteça nada à filhinhas deles.

- Sabe, pai, outro dia eu fui, mas foi Sônia que chamou.

- Mentirosa! – gritou Sônia que entrava na cozinha nesse instante.

- Foi, sim, pai! A Sô falou assim que... Paiê? O sinhô vai levar a gente pra passear no parquinho? Agora tem brinquedo novo lá.

- Qualquer dia o papai leva, está bem?

- Qualquer dia quando, papai?

- Não sei, filha. Mas hoje não dá.

- Puxa vida, papai... o senhor nunca tem tempo. Mamãe nunca tem tempo. Tio Ismael também diz que nunca tem tempo. Parece até que ninguém nunca tem tempo nesta casa!

Jonas riu novamente.

Em verdade, reconheceu, já estava passando da hora de dar um pouco mais de atenção às filhas. Elas rapidamente cresciam. Sônia indo para a escola no ano seguinte. Carla aguardaria um tempo mais. Ele ficando mais velho. Antônia também... Então prometeu:

- No Domingo que vem papai leva vocês pra brincarem no parquinho.

7. O Quintal

Havia um quintal. Pequeno mas havia. Um privilégio? Em se tratando de um bairro próximo ao centro da metrópole, onde as pessoas se espremem em kitchenette, sim. E nesse quintal, uma árvore. Não grande mas que dava boa sombra durante a manhã. Havia também um velho e alto muro lá embaixo, limítrofe ao quintal do vizinho dos fundos que dividia a copa da árvore em duas. Essa árvore não dava frutos mas costumava ficar repleta de pardais que pululavam alegres o tempo todo e de pombas que viviam ciscando o chão. E ainda – quando chegava a primavera – de periquitos.

Era sob a copa dessa árvore e sobre o muro que Malhado e outros gatos da vizinhança costumavam ficar de tocaia à espera de alguma incauta presa.

Foi assim, numa manhã, quando as meninas brincavam no quintal e Malhado caminhava sorrateiro no muro que Antônia se arrepiou com o que presenciara. Da soleira da porta ela contemplava a paisagem distante. Dali se avistava o bairro da Moóca, do Cambuci e do Ipiranga. A casa ficava no bairro da Liberdade, espremida entre os casarões, transformados em pensão, que teimavam por manter-se de pé numa região onde despontavam arranha-céus. Ali, desde quando mudara-se do interior para a capital Antônia morara, num bairro que ia ganhando feição japonesa, apesar de sua origem ser italiana. O pai era expedicionário. Lutara na II Guerra Mundial e em busca de futuro melhor, logo após migrara com a família para o Brasil.

Se bem que a paisagem durante a semana não fosse bela, por causa das chaminés das indústrias que soltam a negra fumaça que sobe tingindo o azul do céu de negro, era a única visão que Antônia tinha do mundo, fora a imagem da televisão, quando ficava horas assistindo programas...

Baixou a vista para mais perto. Na árvore contemplou os pardais animados. Notou que vez em quando um deles voava lá longe e depois retornava e achou que era um espetáculo bonito de se ver. E lembrou-se do Criador e deliciou-se com a visão.

Porém de repente, eis que de repente, o que ela vê? Malhado, seu querido e inofensivo Malhado deitado no muro,

silencioso, pronto para o bote. Antônia passou a observá-lo. O que estava pretendendo aquele gato? Ela logo descobriu: um pardalzinho desprevenido já ia caindo nas garras do gato. Ah, ela imediatamente aprumou-se. O felino deslizava em direção ao pardal e o pássaro, bobinho, continuava no mesmíssimo lugar. Uma borboleta veio até ela e dançou na sua frente como se quisesse distraí-la; mesmo assim, na horinha em que Malhado ia dar o bote, ela gritou, assustando-o; assustando as crianças e até o pardal que apavorado bateu as asas e voou.

"Graças a Deus", suspirou, aliviada. "Pelo menos por hoje livrei o coitado da morte", comemorou.

Malhado olhou sua dona como a perguntar: "por que ela fez isto?" Em seguida saltou para o telhado vizinho, desaparecendo momentaneamente.

- Que foi, mãe? – perguntou Sônia.

- Nada, gritei à toa.

- Estamos fazendo alguma coisa errada?

- Não, não, continuem brincando. Não estão fazendo nada errado. Eu é que...

Havia outras crianças no quintal. E todas ficaram impressionadas com o grito de Antônia. Por fim, voltaram a brincar.

Entrou na cozinha sentindo vontade de chorar, uma angústia inexplicável. Porém de repente deu-lhe uma vontade de rir. E riu descaradamente. Afinal, por que agira desse modo? Se cenas como essas acontecem todos os dias, em toda parte e ninguém faz nada para que não aconteçam? Ela mesma, aliás, não era carnívora? Pois, se gato devora rato, gambá devora galinha... e o homem? "O homem devora tudo, meu Deus! E por que o homem é tão mau?" e raciocinou: Malhado ia pegar o pardalzinho porque tinha fome, somente porque tinha fome. Disso ela podia ter certeza. Mas e o homem? Será que o homem não mata por prazer? Por ganância! Por exibicionismo! Esse sim é o verdadeiro destruidor da natureza.

Bem, ao menos conseguira prolongar a vida do pobre vivente por mais um dia, livrando-o duma morte trágica – vez que seria estraçalhado pelas unhas afiadas do gato; de seu querido e "inofensivo" Malhado, que horror! Nunca pensara que Malhado fosse capaz de fazer isso.

8. Uma mordida inesperada

Cacilda, madrinha de Carla, que morava no Paraná, estava de mudança para São Paulo e ia ficar por uns tempos morando na casa de Antônia até encontrar um apartamento ou casa pequena para alugar. Cacilda era cabeleireira e tencionava montar um salão de beleza na capital.

Ismael fora buscá-la na rodoviária.

Quando chegaram, por volta das nove e meia da noite, encontraram as meninas ainda acordadas. A televisão ligada. E Antônia ressonando no sofá da sala. Aliás, com Antônia era sempre assim, após labutar o dia todo, de noite, bem antes de terminar a novela das oito, já estava dormindo. E no dia seguinte pedia que alguém lhe contasse o final.

- Que barulheira é essa, meninas? Não acham que tá na hora de dormir?

- É madrinha, mãe! Madrinha chegou!

As meninas correram ao encontro de Cacilda. Carla perguntou:

- Madrinha trouxe presente?

- Parece que nunca aprende a ter modos, menina! – repreendeu-a Ismael. – Deixa a gente morto de vergonha!

Porém Carla parecia não lhe dar a mínima importância.

- Da outra vez a senhora prometeu, lembra?

- Lembro.

- Onde já se viu! A coitada nem mal acaba de chegar e você já pedindo presente? Precisa perder logo essa mania! – continuava Ismael sua bronca.

- Madrinha trouxe presente pra minha afilhada, sim – tranqüilizou-a Cacilda. – Acha que viria aqui de mãos abanando?

- Oba, legal!

E como Sônia parecia encabulada ela falou:

- Eu trouxe pra você também, viu, Sônia! Não precisa ficar tristonha não.

Então Sônia se alegrou.

Antônia perguntou da viagem. Se tudo transcorrera bem. Depois foi para a cozinha preparar um lanche.

- Você deve estar com fome.

- Nem tanto.

- Sabe, madrinha, eu já sei contar, quer ver? Sei mais que Sônia. Não é tio? Não é que Sônia nunca aprende nada direito?

- Não deve falar desse jeito de sua irmã, viu, Carla? É feio. E

olhe que eu já te falei uma porção de vezes! – repreendeu-a a mãe.

- Eu só estava brincando – desembaraçou-se. E para Cacilda: - É verdade que a senhora tá vindo morar aqui?

- Por algum tempo sim.

- Legal! – alegrou-se Sônia.

- Ah, madrinha, eu queria tanto que você morasse aqui duma vez. Sabe, tem um parquinho aqui perto que tem bastante brinquedo. Madrinha leva a gente lá?

- Levo.

- Bem crianças, tá na hora de irem dormir.

- Ah, mãe, eu não estou com sono.

- Eu também.

Antônia se enfureceu.

- Já! as duas prá cama!

E foram. Reclamando mas foram.

Keity ergueu a cabeça, perscrutou. Havia uma voz diferente na casa. Não sabia de quem, mas reconheceu que havia. Nessa noite, para surpresa de Antônia, dormira embaixo da mesa da cozinha. Apesar da casinha lá fora feita por Ismael, era dentro de casa que ela preferia ficar. E quando ninguém atinava, mordeu a perna de Cacilda.

Cacilda deu um pulo.

- Que cachorro bravo é esse, comadre?

- Não sei o que faço com essa cadela – reclamou Antônia enquanto abria a porta e a expulsava para o quintal. – De repente deu de avançar em todo mundo que entra aqui. Antes não era assim...

- Mordeu você, Cacilda? – perguntou Ismael.

- Se mordeu! Olha só a dentada da corna!

- Então é melhor a gente ir a um hospital.

- Precisa, Ismael? – perguntou Antônia, apavorada.

- Precisa sim, mana, Keity ainda não foi vacinada e nunca se sabe...

Então Ismael levou Cacilda ao hospital, conhecera Marcelo, por quem se apaixonou. Mas isso fica para outra história.

Do lado de fora Keity continuava latindo. Em breve Veludo latiria também. E depois a cachorrada da vizinhança, tormento para Antônia que já vinha recebendo reclamação de Minervina.

9. O dia seguinte

Na manhã seguinte, após a distribuição dos presentes, as meninas foram brincar no quintal. Cada uma com uma boneca. Como Maricota, filha de Minervina, quis pegar as bonecas e elas não deixaram, Maricota desfez-se num berreiro descabido ao que Minervina gritou:

- Deixem minha filha em paz, pestes! De noite é essa cadela nojenta que não deixa a gente dormir! De dia é vocês!

- Carla, Sônia, já pra dentro! – chamou-as Antônia.

- Essa mulher tá danada da vida – disse Cacilda.

- Tá. E eu já não sei o que fazer com a cadela. Dormir aqui dentro ela não pode. Lá fora incomoda os vizinhos. Não vê? Até morder você ela mordeu...

- Pra mim isso não é nada.

- É, mas se fosse outra pessoa...

- Tem razão... Mas afinal, onde arranjaram essa cadela tão brava?

- Apareceu na porta da rua.

- Logo vi que era vira-lata.

Notando as meninas cabisbaixas, Cacilda convidou:

- Vamos dar uma volta? Que tal irmos ao parquinho que você falou? – disse para Carla.

As meninas gritaram ao mesmo tempo:

- Oba!

- Podemos levar Keity? – perguntou a afilhada.

Cacilda pensou...

- Não, não podemos. Ela pode morder alguém e como ainda não foi vacinada, pode nos trazer problema.

- Ora, madrinha, ela não morde.

- Não morde! E quem me mordeu ontem?

- Por que será que ela te mordeu, hem, madrinha?...

- Não sei. Só sei que mordeu.

- Por que você mordeu madrinha, Keity? Você precisa apanhar, viu?

Keity abanou o rabo. Agora ela estava presa numa corda, no tanque de lavar roupas. E não parava de reclamar.

- Por acaso tem coleira? – perguntou Cacilda.

- Não tem – respondeu Antônia.

- Como vamos levar Keity se não tem coleira? Por que não comprou coleira ainda para a cadela, comadre?

- Porque Keity nunca foi prá rua... Engraçado, não me lembro dela ter saído algum dia...

- É por isso que tá ficando brava – reconheceu Cacilda. – Não costuma ver gente estranha!

Antônia trouxe uma coleira velha de Veludo. Perguntou:

- Esta serve?

Cacilda riu.

- Podemos experimentar. É tão velha. Será que não vai rebentar?

- Se não ficar saltando, não.

- Ela não é brava, madrinha.

- É, né? Só que ontem me mordeu.

- Nossa! Ela mordeu a senhora? Keity nunca mordeu ninguém.

- É porque ninguém vem aqui.

Risos.

Puseram a coleira. Keity estranhou. Pulou feito doida tentando desvencilhar-se. Como não conseguia, por fim consentiu. E foram-se!

Estava uma linda manhã de sol, muito sol. Por ser um horário em que a maioria das pessoas está trabalhando, poucos carros trafegavam na rua. Dava portanto para andarem sossegados, sem correrem o risco de ser atropelados. As meninas se divertiam. Cacilda familiarizava-se com a cadela. E Keity abobalhada não parava de latir com os carros, com as pessoas, com outros cachorros, com tudo o que movia à sua frente. Ora caminhava na dianteira, ora caminhava na retaguarda, sempre lutando por se ver livre da incômoda coleira que a incomodava, mesmo estando surpresa por se encontrar na rua. Impacientemente, saltava de vez em quando chamando a atenção dos transeuntes. E latia desenfreadamente. Ou ficava com a língua de fora, como se estivesse muito cansada ou com sede.

Apesar de o parquinho ficar a apenas alguns quarteirões da casa, como tinham que puxar a cadela, parecia uma distância infindável. E mais de uma vez Cacilda pensou em voltar, porém desistia da idéia.

As meninas andando na frente tentavam atrair a cadela como podiam. Às vezes de mãos fechadas fingindo segurar algo. Nesses momentos Keity corria.

No parquinho ela ficou de repente inerte, parecendo uma estátua, olhando sempre na mesma direção.

As meninas mexeram com ela.

Nada!

- O que deu nela? – perguntou Cacilda.

Um pipoqueiro fazia pipoca no outro lado da rua. O cheiro convidativo da pipoca vinha até elas. Foi quando Carla lembrou:

- Ela tá querendo pipoca, madrinha! Keity gosta de pipoca!

- Era só o que me faltava! Será? Nunca vi cachorro gostar de pipoca.

- Keity gosta.

E era verdade. Aliás, além de pipoca, Keity gostava de comer pão, bolo, banana, maçã... até de bala ela gostava!

Então foram até o pipoqueiro e compraram pipocas. Começaram por brincadeira a atirar grãozinhos no ar, Keity os ia abocanhando antes de cairem em terra, chamando a atenção das pessoas, principalmente das velhinhas que a essa hora passeiam no parque, achando tudo engraçado.

- Mas sim senhor, essa é boa! – admirou-se o pipoqueiro.

E gritava, batendo as mãos:

- Andem logo, minha gente! Comam pipoca! É tão boa que até cachorro gosta.

Risos.

10. A importância da vacina

- Agosto é mês de cachorro louco – disse Cacilda para as meninas. – Por isso devemos vacinar todos os animais domésticos para que não fiquem doentes.

- Doentes do quê, madrinha?

- De raiva.

- E o que é raiva? – quis saber Sônia.

- Vocês me colocam em cada arapuca com essas perguntas assim... de chofre... deixa ver se eu consigo explicar direito... é uma doença infecciosa que dá no cão e noutros animais. Pode ser transmitida ao homem quando ele é mordido por um animal doente. Que mais?... se não me falha a memória, é transmitida por vírus.

Assunto que rendeu mais perguntas.

- O que é vírus? – perguntou prontamente Sônia.

- Agora você me pegou. Mas primeiro vamos falar na doença pra depois falarmos no causador da doença. Afinal, tudo ao mesmo tempo não dá, né?...

- Então madrinha não sabe o que é vírus?

- Madrinha sabe. Só que acho difícil explicar. – E arriscou: -

Vírus é um bicho pequeno, mas tão pequeno que não nos é possível enxergar sem o auxílio de microscópio. E perigoso também porque transmite doenças. Vocês vão aprender isso tudo já, já na escola. É por isso que é importante estudar. Elas já foram matriculadas, comadre?

- Ainda não.

- Voltando, minhas alunas... paramos onde mesmo?

- No vírus!

- Vocês estão atentas, hem!

- Se ninguém consegue enxergar, Cacilda, como é que ficam sabendo que esse ví-rus existe? – perguntou Sônia, equivocada. Só que desta vez foi Antônia que respondeu.

- Porque alguém inventou o microscópio – lembrando do curso de enfermagem que fizera na juventude, profissão que nunca exercera, depois que descobriu que gostava mesmo era de costurar.

- É verdade – confirmou Cacilda, temendo pela pergunta seguinte.

- Micros... micros... có-pio? O que é isso?

Cacilda riu.

- Sabia que essa pergunta vinha. Acho que vamos ter de consultar o Aurélio.

E folheando o Aurélio ela encontrou:

Instrumento óptico destinado à observação e estudo de objetos de dimensões muito pequenas.

- Melhor explicando, é um aparelho óptico que serve para aumentar o tamanho de objetos de dimensão muito pequenas, até eles ficarem visíveis aos nossos olhos.

Nessa momento Sônia pegou um pedaço de bolo.

- Ele aumenta o tamanho do meu bolo?

Antônia repreendeu-a.

- Não, porque eu bolo é bem visível a olho nu – explicou Cacilda seriamente. – Já os vírus não. Entendeu?

- Entendi.

- E vê se pára de fazer malcriação com os outros.

Carla, no entanto, parecendo mais esperta, fez perguntas mais sérias.

- Como é que o cachorro fica quando está com raiva?

- Fica com a boca torta, assim ó! babando muito. E uivando o tempo todo que dá medo.

- Cruz credo! Eu nunca que quero que Keity fique louca – esconjurou-se.

- É por isso que Keity precisa ser vacinada.

- Vacina doi?

- Nem um pouco. É tchu! E pronto.
- É que nem injeção?
- Mais ou menos.
- Então deve doer, madrinha. Sabe madrinha outro dia eu tomei injeção bem aqui ó – mostrou o bumbum. – Doeu tanto.
- Bem crianças o papo tá bom mas por hoje chega. Chega de falar em doença. Agora preciso sair e cuidar um pouco dos negócios – desculpou-se Cacilda.
- Nós não vamos brincar no parquinho?
- Hoje não. Hoje madrinha só vai cuidar dos negócios.
- Puxa vida! Nesta casa todo mundo tem negócios pra cuidar. Acho que só eu e Sônia não temos, né, Sônia? – Pausa. – Madrinha podia ao menos levar nós no parquinho hoje. Olha que amanhã a senhora prometeu e não levou!
- Amanhã não Carla! – corrigiu Sônia. – Ontem!
- Pois é, ontem a senhora não levou.
- Não levei porque não deu, ora. Mas amanhã eu levo, está bem?
- Está.

As duas foram para a sala. Sentaram-se no sofá drago. E ligaram a televisão. Contentaram-se com o desenho de *Tom e Jerry*.

11. Se Keity adivinhasse

No dia de vacinação Antônia deu banho em Keity. Em seguida a empoou de talco e a deitou no sofá drago da sala..

Se Keity adivinhasse certamente que desconfiaria do excesso de mimo. Se durante a semana toda ela não podia sequer relar no sofá, por que hoje a própria dona a colocara aí? Porém, como não adivinhava, procurava somente usufruir do conforto que lhe era oferecido. E por que não! Até tirou uma soneca no sofá.

Enquanto isso Antônia aprontava as meninas.
- Veludo também vai com a gente? – perguntou Sônia.
- Não – respondeu prontamente Cacilda. – Veludo vai noutro dia, com o Ismael. Não é mesmo, comadre? Eu não dou conta de levar os dois e ainda mais as crianças ao mesmo tempo.
- Sim, Ismael vai levar Veludo – disse Antônia. – Ele já se ofereceu.

Na rua, diferente do que Cacilda imaginara, Keity não

oferecera resistência nenhuma. Agora não mais latia quando os carros passavam, tampouco empacava ao andar. Muito pelo contrário: agora era ela quem caminhava na frente do grupo. Cacilda riu ao vê-la tão entusiasmada. “Se ela soubesse para onde estamos indo...”, disse para si mesma.

Keity caminhava soberba, pêlos bonitos luzentes ao sol, parecendo uma vedete. Impressionou um casal de velhinhos que ia passando lentamente. A velhinha quis brincar com ela. O marido não deixou. E uma menina escurinha que passava ao lado da mãe que ficou encantada, depois chorou querendo brincar com a cadela.

Carla com medo de perdê-la puxou-a para perto de si, naquele momento, para ela, era como se Keity estivesse correndo perigo.

- E esta agora – desanimou Cacilda. – Eu pensei que tivesse uma equipe de vacinação por perto. Disseram que em todos os bairros tinha...

Ela disse isso quando ficou sabendo que a equipe mais próxima estava no bairro da Aclimação, que dista alguns quilômetros de onde elas estavam. Então resolveu pegar um táxi.

- Pra onde estão indo? – perguntou o motorista enquanto ligava o taxímetro.

Ninguém respondeu.

- Entrem depressa, meninas – disse Cacilda. – Cuidado pra não bater a cabeça.

- O quê??? Essa não!!! – irritou-se ele. – Cachorro em meu carro, madame?

Cacilda tentou dialogar.

- Cachorro no meu carro, madame? Nunca!

Desceram todos.

Adiante outro carro parou. A mesma recusa.

- Nem se eu pagar um pouquinho mais?

- Nem um pouquinho, nem um poucão. Cachorro só faz sujeira e depois, quem vai lavar o carro pra mim?

E não teve conversa.

- Dão licença que eu preciso panhá outro passageiro. Não me levem a mal. Nada tenho contra cachorro – desculpou-se.

- Não é cachorro, moço, é cadela – corrigiu Carla. – O nome dela é Keity.

- Nem cachorro, nem cadela. Pra mim é tudo a mesma coisa. Só fazem barulho e sujam tudo – reclamou, ligando a chave de ignição e partindo imediatamente.

Carla indignou-se.

- Puxa vida, madrinha, por que ninguém quer levar a gente?
- Motoristas de táxi não gostam de carregar cachorro.
- Mas por que Cacilda?
- Porque acham que cachorro faz sujeira no carro.
- Cachorro faz sujeira, como, madrinha?
- Fazendo xixi, cocô, soltando pêlos...
- Keity não faz nada disso.
- Só que os motoristas não sabem.
- Por que a gente não fala pra eles?

Nisso passava outro táxi. Cacilda fez sinal para que parasse. Não parou.

- E esta agora...

Sônia teve, enfim, uma idéia:

- Por que não vamos de ônibus? Adoro andar de ônibus.
- Hum! Se táxi não carrega cachorro, ônibus então nem pensar.

Passou um carro grã-fino. De dentro dele um Dobermam pôs a cabeçorra do lado de fora e desandou a latir.

- Por que esse carro carrega cachorro? – perguntou Carla.
- Por que não é táxi e o dono dele tem carro. Se nós tivéssemos, também não estaríamos com esse problema.
- Bem que a gente podia ter carro! – desabafou ela.

12. Enfim, nem tudo o que reluz é ouro

Sol quentão de agosto ardendo nas costas. Uma semana antes fazia frio e até garoara.

- Até parece verão – reclamou Cacilda passando a mão na testa. "Dá pra entender um tempo doido deste?" Olhou desanimada para Keity, esta estava sentada, com a língua de fora. De vez em quando uma das meninas passava a mão em sua cabeça tentando agradá-la, ela então balançava o rabinho parecendo sorrir.

Cacilda de súbito teve uma idéia.

- Já sei! Agora vamos brincar de teatrinho! Sônia, você fica ali atrás com Keity, fazendo de conta que é a menina e seu cachorrinho, entendeu? Enquanto isso Carla fica aqui perto de mim. Muito bem... quando o táxi parar, enquanto distraio o motorista, vocês correm e entram depressa fazendo muito barulho e escondem Keity atrás do banco do motorista. Estão entendendo meu raciocínio? Se der certo, sairemos já daqui.

- E se Keity latir?

- Aí o motorista vai xingar pra burro. Então a gente desce, pára outro carro e apronta a mesma farsa. Assim, de pedaço em pedaço a gente chega lá.

O plano funcionou. Só que à medida que a condição de espremida a incomodava Keity reclamou. E desandou a latir, foi o suficiente para o motorista frear o carro e brigar:

- Bem que eu estava desconfiado quando as meninas entraram aí atrás fazendo esse barulho todo. Somente não imaginava por que. Então era isso? Mas juro, dona, por esta eu não esperava. Escondendo cachorro em meu carro? Por que não disse que leva cachorro? Essa não!

Desligou o taxímetro. Abriu a porta. Todas desceram. Saiu num arranco. Contudo, após uns segundos, voltou de ré e as surpreendeu:

- Mudei de idéia. Vou levar vocês.

- Oba!

No caminho Cacilda perguntou:

- E o taxímetro? O senhor não vai ligar o taxímetro?!

- Não é preciso. Esta corrida vai sair de graça.

- É mesmo?! Como assim? Agora quem encasquetou fui eu.

- Por causa das crianças. Tenho filhos pequenos, dona. E sei como se comportam quando decepcionados. E não gosto de ver crianças decepcionadas. Quando eu vi essas meninas tristonhas... Qual é afinal o nome do cachorro?

- Keity! – respondeu Carla.

- Bonito nome.

- Na sua casa tem cachorro?

- Tem.

- Ele é bravo? – quis saber Sônia.

- Não muito. Mas morde. Então quer dizer que estão levando Keity para vacinar?

- Sim, senhor – respondeu Carla. – E o senhor precisa levar seu cachorro também porque senão ele fica doente. – Pausa – Sabe, minha madrinha falou assim outro dia que cachorro que não for vacinado fica com... como é mesmo o nome da doença, madrinha?

- Raiva.

- Viu? É por isso que o senhor precisa levar seu cachorro.

- Eu vou pedir pra minha esposa levar amanhã mesmo.

- Por que o senhor mesmo não leva, motorista? A sua esposa tem carro?

- Não tem.

- Então, motorista! Sabe, madrinha falou assim que

motorista de táxi não gosta de carregar cachorro, é verdade?

O motorista ficou meio sem jeito.

- É.

- Ela falou que é porque cachorro faz sujeira. Só que Keity não faz.

- Estou percebendo.

Depois de certo tempo, falou:

- Chegamos. Adiante vocês encontrarão o pessoal da vacinação. Como já estou indo para casa, vou esperar vocês para a viagem de volta.

- Só que pode demorar – disse Cacilda.

- Não tem importância. Já ganhei o dia mesmo.

"Cada motorista mais estranho que outro", pensou Cacilda, "uns mal-educados e não querem levar cachorro, outros além de levar não querem cobrar. Por que será?" Porém decidiu que não adiantava se encucar tentando entender motoristas de táxi. "Enfim, nem tudo o que reluz é ouro", acrescentou.

13. Não vai doer nada

- Olha quanta cachorrada, madrinha!

Sem exagero, havia cachorro para todos os gostos. De raças as mais esquisitas que se possa imaginar. Uns peludos de rabo curto. Outros peludos de rabo comprido. Uns grandalhões com aparência ameaçadora de forozes, mas mansos como coelho. Outros pequenos com jeito de mansos, mas se mostrando bravos que nem lobo.

Homens, mulheres e crianças exibindo suas preciosidades, contando seus feitos, suas proezas, sem falar dos gatos também de variadas raças, em menor número, claro, porém presentes, tudo parecendo encantador nessa linda manhã de sol, muito sol.

Havia cerca de dez pessoas na frente de Cacilda.

A equipe de vacinação era composta por um soldado do exército, um homem de meia idade, uma senhora de meia idade e uma moça. Eles eram rápidos. Como Cacilda havia dito, com a maioria dos cachorros era "tchum e pronto". Mas com alguns... O soldado estava de farda, ao passo que o homem, a senhora e a moça, de jaleco branco.

Vacinaram um cachorro grandalhão, bicudo, que parecia sempre sorrir. O soldado foi quem lhe deu a vacina. O cachorro somente olhou para trás e abanou o rabo, nem parecia ter percebido a injeção. Será que foi vacinado mesmo? Depois foi a

vez de um gato. Este foi colocado num saco. E se esperneou para valer.

- Por que colocaram ele no saco, Cacilda? – perguntou Sônia.

- Pra ele não unhar o moço – respondeu uma sorridente senhora que estava na fila.

Depois foi a vez de um cachorrinho bem miudinho. Este foi o que deu mais trabalho, de todos. Ficava olhando de lado, desconfiado, quando o soldado se aproximava dele, logo pulava não permitindo de jeito nenhum que alguém se aproximasse. E foi deixado para a retaguarda.

Chegou enfim a vez de Keity. Esta ao deparar com o vacinador enrijeceu os pêlos e recuou aterrorizada e ameaçadoramente começou a rosnar.

- Será que você vai dar mais trabalho que os outros? – perguntou a mulher de meia-idade com a seringa erguida numa das mãos.

Keity recuou.

- Quieta, Keity! – bradou Carla. – Não vai doer nada! – prometeu. Se bem que nem ela mesma tivesse certeza disso. Só de saber que era injeção...

keity não estava nem um pouco a fim de colaborar. Muito pelo contrário, comportava-se com um cachorro feroz.

- Ela pensa que vai doer, por isso está com medo – disse Sônia.

- Sabe nada! Já viu cachorro saber alguma coisa? Se ela nunca tomou injeção na vida... – disse Cacilda já perdendo a paciência. – Essa cadela tá é com treta. Vem cá, Keity?

E foi também deixada para trás.

- É isso que você quer, né? – Cacilda não se conformava.

- Calma, minha senhora – prometeu o soldado. – Daqui a pouco damos um jeito nela.

O motorista apareceu.

- Ainda vai demorar?

- Um pouco. Agora ela deu de não deixar vacinar - enervou-se Cacilda.

- Com alguns cachorros acontece isso mesmo – disse o motorista. E até hoje eu não sei por que.

- Nem eu...

Risos.

Foram a uma lanchonete, momento em que o taxista se apresentou.

- Eu me chamo Gilmar, viu, dona, de repente a senhora pode ficar com medo da minha companhia...

- O meu é Cadilda, um prazer. Qual nada, é que fico preocupada, porque estamos demorando muito. A mãe das crianças deve estar preocupada. Também não pensei que vacinar cachorro desse tanto trabalho assim.

- A senhora tem razão. Mas vamos voltar lá de novo. Quem sabe agora a cadela deixa.

Desta vez foi o soldado quem enfrentou Keity.

- Vem cá, menina! – disse ele. – Falaram que você é brava mas eu não acredito.

Keity porém se afastou obrigando Cacilda a recuar também.

- Se ela não vem até mim – disse o soldado - eu vou até ela.

E foi. E foi também recepcionado por uma boca que se não fosse de circo, como ele mesmo disse, ficaria de mão enfaixada.

- Essa foi por um triz – sorriu ele. – Juro que não pensei que essa cadela fosse tão brava. Mas enfim eu a subjuguei, danada!

E a uma leve distração de Keity, aproveitou e injetou nela o líquido todo.

- O próximo cachorro, por favor – gabou ele, dando um tapinha no traseiro de Keity, ao que ela aproveitou a oportunidade para novamente morder sua mão, porém sem sucesso. O dia certamente não estava para cachorro, ali.

Em seguida ela rodopiou em volta de si mesma como um pião tentando morder a todo custo o próprio rabo, como costumava fazer quando era bem pequenina. Depois quis morder a coleira, parecendo deveras enfurecida.

- Fique quita, Keity!

Nem outros cães, nem as pessoas despertavam nela o desejo de latir. Estava zangada, muito zangada, talvez nem tanto pela vacina, pela dorzinha insignificante da agulha, mas sim pela ousadia do soldado por ter se aproximado dela o suficiente e ela não conseguir mordê-lo. Que foi que aconteceu com ela? Então não era ela quem içava as orelhas de noite ao menor ruído que fosse, pronta para avançar em estranho? Então não era ela que latia no quintal para defender a casa? Ora! Sinceramente... fora passada para trás nesse dia que lhe parecera tão... festivo... Mas isso não iria ficar assim. Ah, não!

Ao aproximarem-se do táxi, enrijeceu novamente os pêlos e içou as orelhas, freando o corpo com as patas dianteiras, num esforço imenso para não entrar. Foi então que Carla notou. O taxista usava uma camisa branca tal qual a dos vacinadores.

- Ah, então é isso?

Ele então ficou lá atrás. Entraram no carro e só depois ele entrou.

- Cadelinha esperta essa, hem – sorriu ele – vai ficar na história.

De tarde ela latiu com Ismael, ao vê-lo entrando em casa de camisa branca. Mas ao percebeu que era ele, quem disse que cachorro não pensa?, derreteu-se toda. E por uns dias continuou latindo com pessoas de branco, até que esqueceu de vez.

14. Manhã primaveril

Manhã primaveril em que os pardais sobrevoam a única árvore do quintal fazendo muito barulho. Malhado deitado no muro, matreiro como sempre, somente aguardando a oportunidade de agarrar um pardalzinho incauto daqueles. E não era só ele, não; os gatos da vizinhança também se espreguiçavam ali: olhinhos acesos, esperançosos, pacientes, namorando os pássaros. De repente um dos pardais se descuida. Pulou bem próximo a um dos gatos. Foi zás! Não conseguiu escapar. O bichinho piou mas de nada adiantou. Desta vez Antônia não estava por perto para salvá-lo. Somente Veludo molengão como sempre. E molemente latiu. Porém os gatos não lhe deram pelotas.

Mas eis quem surge lá de cima! Keity vislumbrou o quintal. Farejou o ar com seu focinho possante. Deu de cara com os gatos. Ah, por acaso ia dispensar a festa? Desceu as escadas somente rosnando. Lá em baixo latiu. Se com Veludo os gatos não deram trela, com ela o procedimento foi diferente. Olharam-na assustados e depois fugiram apavorados. Nesse dia por incrível que pareça até Malhado fugiu. Por que será? Porque Keity quase subiu no muro.

Já Veludo olhou para ela sonolento, desconfiado; muito preguiçosamente e tristonho, como a pensar: “afinal, por que os gatos só fogem dela?” Mas descobriu que Keity não estava a fim de deixá-lo em paz também. Primeiro latiu com latiu com ele, sempre pulando agilmente de lado a outro, deixando-o enfurecido. “Eta cadela atrevida! Será que não vai me deixar em paz, não?” Levantou-se e foi para outro lugar. Mas ela seguiu seus passos? Sim! Indo perturbá-lo em seu novo espaço. Estava mesmo a fim de brincar; no entanto, o cachorro... Em seguida encostou a cabeça no chão e rosnou como se acuasse um animal na toca. Ele não gostou. Olhou para ela com a cara feia,

demonstrando que não estava a fim de brincadeira; enfureceu-se de súbito. E deu uma mordida em seu pescoço. Daí um ganido lamentoso, demorado, que fez Minervina gritar lá da cozinha:

- Cadela barulhenta! Agora deu de incomodar a gente de dia também, peste?

Minervina vivia atazanando Antônia, ora porque Keity puxava suas roupas do varal, ora porque as crianças brigavam com Maricota.

- Quem vai entender essa cadela maluca? Numa hora ela late! Noutra, grita! Nunca vi cadela mais antipática! Mas deixa estar sua cadelinha nojenta, que qualquer dia deste eu dou um jeito em você!

Antônia escutou e ficou apalermada. “Por que será Minervina disse aquilo?”

Enquanto isso Minervina continuou:

- Quem é que pode com essa cadela?!

Veludo, que agora dormia a sono solto embaixo da árvore, acordou com outra surpresa: uma mordida de Keity no rabo. Ah, certamente que não dava para tolerar tamanho desaforo. Mordeu-a no pescoço, subiu a escada e foi se deitar na soleira da porta. Desta vez Keity não o perseguiu; somente o acompanhou com os olhos, deixando-o, enfim, em paz. Por que não? Pois agora ela era a dona do pedaço. E deu umas voltas tentando morder o próprio rabo. Sempre rosnando furiosamente e latindo. Como não conseguia, parou e se aquietou. Nisso os gatos surgiram no muro e ela latiu.

- Hoje essa cadela tá é com o diabo no corpo! – esbravejou Minervina pela Segunda vez. – Não pára de latir um minuto!

Antônia ficou matutando. Será que a provocação já não estava demais? Entretanto, para disfarçar a raiva, cantarolou. Enquanto da janela observava as traquinices de Keity, pensando numa maneira de livrar-se dela, antes que lhe acontecesse o pior.

Depois de insistentes latidos Keity subiu num caixote de madeira que estava próximo ao muro. Arranhou furiosamente a parede tosca pedregosa tentando subir. Como não conseguia, pôs-se a saltar e a ladrar. Saltou uma vez, duas, três... Enfim, subiu no muro. E nele ficou tremulante com medo de cair. “E agora, Keity?” Subir ela subiu, mas e descer? E a gemicar.

Antônia achou graça.

- Agora quero ver você descer daí, sua xereta. Quem mandou subir!

Chamou as filhas.

- Coitadinha, mãe – condoeu-se Carla. – Se ela pular, vai ficar machucada.

- Pelo menos aprende a não subir mais no muro. Agora pensa que pode agir como gato?

Mas, será que Keity aprendia mesmo? Só com o passar do tempo para saber. Naquele dia, porém, longe disso; desceu do muro porque uma das meninas a ajudou. Entretanto as traquinagens não pararam por aí.

15. Dia de eleição

No dia 15 de novembro Antônia acordou bem mais cedo que de costume. Aprontou as crianças e se preparou para votar. Jonas, como teve de trabalhar, saíra mais cedo. Ele trabalhava todos os dias, pouco tendo folga. Entretanto, Antônia somente deixou a casa após às dez horas. E entra em beco, sai de beco, somente depois de muitos ziguezagues conseguira chegar ao local da votação. À qual candidato ia votar, ainda não sabia.

Era um dia de muito sol e em contrapartida fazia muito calor.

Na porta da escola, como sempre em dias de eleição, tumulto, confusão. Primeiro a briga de dois bocas-de-urna. O povo todo apavorado. Antônia com medo segurou as meninas.

- Daqui ninguém vai arredar o pé!

"Devia Ter deixado as meninas em casa", pensou, mas agora já era tarde demais, enquanto ia pegando um santinho aqui, outro ali. Já pegara tantos. Mas os marqueteiros não deixam os eleitores em paz.

"Vote em Fulano de Tal."

"Vote neste, minha senhora, candidato do bairro! Candidato forte!"

E por aí afora.

As meninas entusiasmadas iam pegando os santinhos que despencavam do alto.

Mas até essa altura Antônia ainda não sabia em quem votar. Afinal, os candidatos eram tantos em anos anteriores, prometiam mais que faziam. "Ganham a eleição e não cumprem as promessas." Nada de fazerem algo pelo povo. Fez ar de desprezo, quando chegasse sua vez de fazer a cruzinha, faria no nome mais simpático da lista. "Que os políticos são farinha do mesmo saco, disso todos sabemos. Votar, só mesmo por

obrigação.”

Descobriu que sua seção era no segundo andar. Tinha portanto de subir escadas. “Não, não devia mesmo ter trazido as crianças...”

Só que de repente uma gritaria se ouviu, uma correria desenfreada. Alguém bem alto ordenou:

- Prendam esse cachorro!

Mas que cachorro era esse? Este corria feito doido, ludibriando seus perseguidores. E não é que apesar de pequeno conseguia? Algumas pessoas riam. Entrou numa sala e ali ficou algum tempo acuado embaixo duma carteira. Esperou. Quando seus perseguidores passaram correndo pelo corredor, saiu em outra direção.

- Entrou naquela porta! – gritou um homem.

- Entrou naquela sala! – outro.

A confusão crescia. E quando menos esperavam o cachorro passou feito furacão – apesar de seu tamanho miúdo – abrindo caminho entre as pessoas.

- Quanta confusão por causa de um cachorrinho – resmungou uma velha que estava sentada. – Parece até que nem pra votar a gente tem sossego nesta cidade.

Antônia, distraída na fila da sala de votação, teve um sobressalto quando uma das meninas gritou:

- É Keity, mãe! Eles estão correndo atrás de Keity.

“Como é que ela veio parar aqui?!”

- Keity nada, Sônia! Acha que Keity vinha aqui atrás de nós?

Ela não imaginava. Mas Keity soube. E não teve outra saída senão seguir as meninas que corriam feito doidas corredor afora à procura da cadela.

- Eu vi, mãe! Eles estão querendo pegar Keity! – disse Sônia apavorada.

- Por que será que estão querendo pegar a Keity? – perguntou Carla inocentemente. – Ela não está fazendo nada pra ninguém. – No entender dela Keity nunca fazia nada pra ninguém.

Desceram as escadas. Na portaria encontraram-na presa entre cadeiras, embaixo duma mesa, desesperada, relutando para sair, como reluta um animal na jaula.

- Soltem essa cadela, imediatamente! – ordenou Antônia.

- Por quê? É da senhora este cachorro?

- É meu sim! E não vou deixar que ninguém a maltrate ela! – respondeu Antônia bastante zangada.

Os curiosos já haviam feito uma roda em volta. Alguns disputando lugar para melhor contemplar o “espetáculo”.

Antônia gritava:

- Pensam que podem fazer de minha Keity o que querem? Pois saibam que ela não é nenhuma cachorra de rua não, entenderam?

- Ela pode morder alguém, dona – o moço explicou. – É perigoso.

- Keity nunca mordeu ninguém! – a defesa incontestável de Carla apareceu logo.

Enfim Antônia recuperou o fôlego. E tomou a cadela na marra.

- Desculpe, dona, mas seu cachorro não pode ficar no prédio.

- Por que não, se agora ela está comigo?

- São ordens.

- Olha aqui, Seu! - Antônia estava zangada de verdade. – Se vocês ficarem com muita frescura pro meu lado, vou fazer um escândalo aqui dentro! Esta é uma cadela de estimação, estão me ouvindo?

- Estamos dona, mas...

- Não quero nem saber!

- O que está acontecendo aqui? – perguntou um homem elegantemente vestido.

- Esta cadela, doutor, entrou aqui e deu um bocado de trabalho pra nós. Conseguimos pegar ela depois de muito corre-corre e agora essa mulher aí diz pra nós que a cachorra é dela e quer ficar com ela aqui de qualquer jeito. Mas não pode, não é doutor?

O homem estampou um belo sorriso. Tirou um lenço do bolso, passou no rosto.

- Tem cabimento! – esbravejava Antônia, indignada. – Ou pensam que Keity é uma cachorra sem dono?

- Calma, minha senhora – tranqüilizou-a o homem sorridente e bem trajado – darei um jeito já, já nessa situação. A senhora por acaso já votou?

- Ainda não. E se não puder ficar com a cadela aqui eu não voto pra ninguém!

- Isso mesmo! – aplaudiram os espectadores.

- Bravo!

- A senhora vai dar seu voto, sim – tranqüilizou-a o homem elegante. – Vamos fazer o seguinte: a senhora suba até a sala para votar e deixe comigo a cadela junto com as meninas. Assim elas vigiam a cadela. E a senhora vota. Está bem assim?

Antônia já ia responder que “sim” quando uma voz dentro dela gritou que “não” e foi o que ela respondeu. Decididamente

determinou:

- Nada feito! Só entro na sala se minhas filhas entrarem comigo. Não tenho culpa se a cadela seguiu meu rastro. Garanto pro senhor que eu não trouxe. Mas já que ela está aqui, não vou deixar aí ao léu.

- Maravilha!

- Estou gostando de ver!

A platéia ovacionava entusiasmada.

Percebeu então o homem de terno que não havia outra saída senão permitir que Antônia entrasse com as crianças e a cadela na sala de votação. Sob aplauso dos presentes.

16. A Viagem de Sônia

Chegou dezembro, mês de Natal, mês de alegria, também o mês em que se gasta mais dinheiro. Sônia preparava-se para passar as festas natalinas em casa de Antenor, irmão de Jonas. Antenor morava no interior.

Cacilda se preparava para rever a família que morava no Paraná. A casa ficaria vazia por uns tempos, vazia e triste.

Quem não estava gostando nadinha dessa história mal-explicada era Carla, que ficaria sozinha. Nunca se separara da irmã e tão logo soubera da viagem de Sônia encabulou-se. Por isso andava emburrada, nunca querendo conversar com ninguém.

E no dia do embarque, na movimentada Estação da Luz, entre passageiros apressados, espremidos, carregando malas ela desapareceu na multidão.

- Cadê Carla?! – perguntou Ismael.

- Não sei – respondeu Sônia. – Ela estava aqui agora mesmo.

Procuraram na plataforma, nos bancos de espera, em nenhum lugar encontraram a menina. No trem ela também não estava.

- Será que sumiu esta menina?

Os alto-falantes executavam músicas natalinas. Antenor propôs:

- Vamos comunicar o sumiço no alto-falante?

Porém, antes mesmo de Ismael responder, ele já tinha ido à cabina de som e posto o seguinte comunicado: “Menina desaparecida. Atende-se pelo nome de Carla” que foi divulgado imediatamente.

Todavia, na volta, ao passar por umas pilastras não é que Antenor teve uma grata surpresa? Encontrou Carla aí, escondida. O tio aproximou-se da sobrinha e falou:

- No ano que vem o tio vem te buscar.

Carla estivera o tempo todo chorando, sentadinha de cócoras, cabeça apoiada nos joelhos... Antenor pensou dar-lhe uma bronca, porém se conteve. E prometeu:

- Se ficar comportada, logo eu venho te buscar.

Aí foi que chorou mais ainda.

- Sônia está indo agora mas rapidinho ela volta – explicou Ismael com sua voz terna, sempre paciente.

- Não quero ficar longe de Sônia, tioooo! Eu quero que ela fique perto de mim.

- Garanto que é só por uns dias.

O trem preparava-se para partir.

- Agora despeça de sua irmã e também de seu tio - disse Ismael para Carla.

- Também não vou despedir de ninguém!

O trem fechou suas portas. Pessoas acenando do lado de dentro. Pessoas acenando do lado de fora. Umas rindo. Outras chorando. E ao lado de Ismael Carla presenciava tudo, sem estar entendendo nada. Às vezes ficava se perguntando o porquê das pessoas irem e virem. Para ela – que via um trem pela primeira vez – era como se a máquina engolidora de gente lhe roubasse o bem mais precioso: a irmã.

“Can-dan, can-dan, can-dan...” O barulho esquisito do trem ecoava em seus ouvidos de maneira repugnante, insuportável até. Eram mãos desesperadas acenando. Ismael mostrou, então ela conseguiu divisar o rostinho alegre de Sônia numa das janelas. Sônia sorria. Incrível como Sônia sorria. Por que ela não?

“Can-dan, can-dan-ca, can-dan-can-dan-ca-tá...” O trem enfim foi ganhando velocidade e sumindo. E ela aumentando a sufocação e chorando. E chorou pra valer.

Daí Ismael propôs:

- Vamos tomar um sorvete?

Ela esfregou os olhos. Sorvete? Tem guloseima melhor que sorvete?

Então arregalou os olhos e sorriu. Nada como um convite açucarado destes para lhe devolver a alegria roubada com a partida da irmã.

17 Ano novo, vida nova

A partir desse dia e por muitos dias Carla teria por companhia somente o velho e alquebrado aparelho de TV. E de Keity, claro, que estava sempre por perto. Só que nenhum dos dois falavam com ela. Somente a ouviam. E como faria para conversar...?

Desse modo, no aconchego da sala, no sofá cama drago ao lado de Keity ela assistia a “O Sítio do Pica-pau-amarelo”, agora seu programa número um. No começo o achava feio e sem graça. Tudo para ela início ou era feio ou sem graça.. Mas depois, na medida em que foi descobrindo um mundo imaginário diferente do seu, cercou-se de gosto pela obra do saudoso escritor de Taubaté.

Passou a gostar de Emília, a boneca de pano que virou gente. De Pedrinho. De Narizinho. Só não se simpatizou muito foi com o Visconde de Sabugosa, porque o achara antipático. E a primeira impressão é a que fica.

Nas brincadeiras a partir de então passou a imitar Emília para keity ver. Ela que certamente pouco ou nada entendia dos trejeitos de Carla ficava sempre olhando os movimentos desta, como se de fato estivesse prestando atenção.

Carla então se divertia como ninguém. Se enfeitava de Emília. Achando que Emília era ela própria. Ou ela era a própria Emília? Como poderia saber, se keity não falava? E no auge de sua imaginação, quem passava por situações embaraçosas era Keity. Também Veludo e Malhado, personagens fictícios de seu teatro de mentirinha. Keity fazia o papel de Narizinho. Veludo, do Visconde de Sabugosa. E Malhado, de Pedrinho. Desse modo ela passava parte do tempo repreendendo Veludo, que nunca representava direito o Visconde de Sabugosa. De repente este lhe parecia tão rabugento quanto aquele.

Passaram-se as festas natalinas.

Ano novo, vida nova!

Sônia demorou mais que o previsto. Somente na terceira semana de fevereiro ela retornou; mais corada, mais gorda e também um pouquinho mais “adulta”.

Cacilda já havia retornado; estava irradiante por ter conseguido vender a casa que possuía, no Paraná. E com a venda o dinheiro para montar o tão sonhado instituto de beleza. Assim sendo, pouco parava em casa, não dando portanto atenção à aflilhada, que começava a reclamar.

Março chegou depressa. E com ele a escola de Sônia. Alegria para Sônia, tristeza para Carla. Keity, então, vivia se escondendo nos móveis para poder acompanhar Sônia à escola. Mas era sempre surpreendida.

- Já pra dentro, sua espertinha!

Então ela murchava as orelhinhas e entrava na casa bem devagar, sempre com medo de Antônia, que não era sopa. Se bem que sua situação estava se tornando periclitante. Tinha de ficar dentro de casa porque no quintal incomodava a Minervina. Com isso soltava pêlos no chão e nos móveis e Antônia tinha de constantemente os limpar. No quintal, puxava roupas de Minervina, do varal, então esta gritava feito doida e despejava desaforos ameaçando fazer isto e aquilo. E tanto que ameaçou que um dia fez!

Tudo começou numa manhã, quando Keity puxou umas roupas do varal e ficou com elas brincando, correndo de um lado a outro até deixá-las completamente sujas de terra.

- Assim não dá mais pra agüentar! – gritou Minervina. – Ou Dona Antônia dá um jeito nessa cadela ou vai ter que mudar daqui!

Foi a gota d’água para a desavença começar.

Ergueu o varal. Lavou novamente as roupas. Estendeu-as. Mas qual! Foi só sair de perto e aconteceu tudo de novo. Aí ela esbravejou enfurecida:

- Hoje acabo com você, sua cadela nojenta! Você me deixa doida!

Minervina costumava dizer que era do tipo de pessoa “que não leva desaforo para casa”. Vinda de Feira de Santana, Bahia, de mala e cuia para a capital paulista, alugou o porão da casa onde morava Antônia. Totalmente analfabeta, dificilmente conseguia bom emprego. Por isso vivia reclamando, maldizendo a sorte. O marido trabalhava de ajudante, em construção. Portanto, viviam de orçamento precário. Sempre reclamando por ocupar a pior parte da casa.

No começo revelou-se uma pessoa gentil, agradável. As meninas desciam para brincar com Maricota, menina cheia de nhenhenhém. Às vezes subia para a casa-mãe, onde brincava até tarde. Mas como toda criança sempre discorda de alguma coisa e briga, brigavam, então descia as escadas chorando. E a mãe imcompreensiva ficava enfurecida. E daí a inimizade surgiu.

Se bem que um bom tempo conviveram sem brigas. Entretanto, com as estripulias de keity...

- Vou ficar aqui sentada vigiando você sua cadelinha ordinária! Quero ver se você tem coragem de puxar novamente minhas roupas do varal, na minha frente!

Keity olhou para ela como se estivesse entendendo. Balançou o rabinho. E até parecia sorrir.

- É sim! Experimenta puxar uma peça! Uma peça sii-quer! Puxa! E eu te dou uma paulada bem no meio da venta!

Se Keity entendia a ameaça, não dava para saber. Mas que nesse dia não mexeu mais em roupa nenhuma, ah, isso ela não fez!

Antônia chamou-a lá da cozinha. Keity entrou. Antônia imediatamente trancou a porta. Desse dia em diante procurou não deixar Keity no quintal, o que lhe trouxe mais transtornos.

Mesmo assim, nesse fatídico dia, Minervina ficou um tempão aguardando a cadela, vigiando a roupa no varal, com um pedaço de pau na mão.

18 O Destino de Keity

Nessa noite, quando Jonas chegou, Antônia tristemente comentou:

- Keity não pode mais ficar aqui.

- Por quê?

- Porque Minervina está ficando impossível. Reclama o dia todo por causa dela. Vive gritando com ela e com isso me provocando. Sinceramente eu não suporto mais. E o pior de tudo é que Keity não toma jeito. E eu não tenho mais onde enfiar a cara de tanta vergonha.

Fez uma pausa.

- Por outro lado, se ela reclamar pro Seu Manoel, como tem ameaçado, ele pode exigir uma solução imediata.

- Isso é verdade. Ele vai querer enroscar. Mas, o que você pretende fazer?

- Por enquanto não sei. Quem vai querer ficar com Keity?

- E se a levássemos pra bem longe daqui?

- Você teria coragem, Jonas? Nem pensar! Morreria logo, coitada, Keity não está preparada para viver na rua.

- Não deixa de ser uma vira-lata, Antônia, e vira-lata sempre se acostuma em qualquer lugar.

- É o que você pensa, Jonas. Mas nem sempre.

- É só uma idéia. Fica, portanto, o dito pelo não dito, pois

gosto muito de Keity também.

Na manhã seguinte, Antônia teve a visita de Filomena, uma amiga sua.

Filomena entrou pé ante pé na cozinha sem fazer barulho – ela tinha a mania de fazer surpresa para os outros. Só que quase se entra bem. Keity dormia embaixo da mesa. Acordou. E ao ver suas pernas bem próximas, atacou-a; e ela acabou sendo surpreendida. Filomena subiu numa cadeira.

- Socorro, Antônia! Me acode aqui!

Antônia riu.

- Com medo duma cadelinha de nada, Filomena! Keity não morde ninguém.

- Não morde o quê, esse menina! Ela avançou na minha perna, esse menina! Olha que quase arranca um pedaço, não fosse Deus ter mandado eu subir nessa cadeira, não sabe?

- Ela avança mas não morde. Nunca vi uma mulher desse tamanho ter medo duma vira-lata tão pequena.

- Nossa! Eu morro de medo de cachorro, Antônia. Outro dia um cachorrão grandão veio cheirar minha perna. Ah, fiquei paralisada querendo gritar não podendo. E se não sou esperta... Então essa cadela não queria me morder, esse menina?

Nisso Antônia aproveitou a deixa.

- Quer ela pra você?

- Eu não!

- Não vai dar Keity pra ninguém! – esbravejou Carla que estava por perto e Antônia nem viu. E ficou desconcertada.

- E eu não quero - disse Filomena para Carla. – Pra que vou querer um cachorro que morde os outros?

- Não é cachorro! É cadela! E o nome dela é Keity!

- Como é que é, Kerte?

- NÃO! É KEITY!

- Como pode gritar com uma pessoa mais velha, Carla? Já não falei que é falta de respeito gritar com os outros? É feio criança gritar com as pessoas.

- Quem mandou ela não saber falar direito? Nunca foi na escola não, sua boba?

Filomena cinicamente respondeu:

- Não.

Carla autoritária disse para a mãe:

- Não vai dar Keity pra ninguém não, viu, mãe? – E foi para a sala ver TV.

19 Keity e a bola

Como a falta de dinheiro era pública e notória e sendo a rua em que moravam bastante movimentada, resolveram alugar um dos quartos da frente, para comércio. Surgiu então uma alfaiataria. E um novo problema: devido ao entra e sai de clientes a porta ficava constantemente aberta e com isso Keity, na rua. E nem sempre alguém a via sair.
Desse modo, numa tarde quando as meninas assistiam televisão, Keity passou devagarinho por elas e ganhou a rua. Ah, liberdade, liberdade de poder ir e vir sem muros! Na calçada, parou, farejou. Olhou em todas as direções. Adiante uns garotos jogavam futebol. Deteve sua atenção na bola. E ficou ali parada um tempo, olhando sempre na mesma direção, com muita curiosidade. E quando um dos garotos passou por ela correndo atrás da bola, latiu desenfreadamente e correu atrás dele. O garoto assustou-se. Então ela ficou com a bola e desesperadamente tentou mordê-la. Uma cena engraçada. As pessoas paravam para ver. Pois, como a bola rolava e ela corria atrás tentando abocanhá-la, esta rolava mais ainda e ela furiosa parecia dialogar com aquele objeto deslizante. Enquanto isso os garotos ficavam sem a bola para jogar.

- De onde saiu esse cachorro? - perguntou um deles.

- Não sei! Deve ser cachorro de rua. E tá querendo ficar com a nossa bola.

- Vamos expulsá-lo daqui! – zangou um menino. – Está atrapalhando nosso jogo!

Mas... e coragem pra fazer isso?

- Eu até que estou gostando – sorriu outro. – Estou achando divertido.

- É porque a bola não é sua!

- E daí?

Tentaram expulsá-la, mas de nada adiantou, porque Keity os ludibriava e voltava, sempre rosnando ameaçadoramente, o que os deixava amedrontados. No entanto o objetivo dela era somente a bola. Aquele objeto rolante parecia a encantar.

- Deixa ela brincar com a bola, coitada – disse uma velha que ia passando.

- É mas a bola é minha e ela pode furar

- Logo agora que o jogo estava indo tão bem, apareceu esse cachorro maluco não sei de onde e estragou tudo! - reclamou um menino. - Ah, se eu tivesse uma pedra aqui!

- Pra quê? Pra jogar nele? Deixa de ser covarde, cara!

Querer jogar pedra nesse cachorrinho desse? Pois se fizer isso eu bato em você!

- De quem é a bola?
- Não interessa!
- É sua?
- Não interessa!
- Não sabe falar outra coisa?
- Não é da sua conta!
- Acho melhor terminar o jogo – aconselhou um do tipo “deixa disso”. – Pessoal! Acabou o jogo!
- Isso nunca!
- Ora, o cachorro parou nosso jogo, não vê?
- E daí? Nós estamos ganhando! Ou tá com medo de apanhar mais? Se tá com medo, cara, fala!

Nem encompridaram a discussão. Bastou um deles empurrar o outro e a pancadaria começou, que nem em filme de bang-bang. Keity ficou ainda mais assanhada; latia com um, latia com outro. Nisso uns homens que passavam apartaram a briga.

- Foi tudo por causa daquele cachorro! – lamentou o dono da bola. – Foi ele que estragou nosso jogo.

Em casa Carla deu pela falta de Keity. Viu que a porta estava aberta.

- Mamãe, Keity saiu de novo!

E foi até ã calçada ver se a encontrava. Avistou em meio aos garotos.

- Keity! Vem já pra dentro!

Keity murchou as orelhinhas, baixou a cabeça e entrou. Sempre abanando o rabinho, um tanto desengonçada, como se estivesse envergonhada e pedisse desculpa pelo seu ato.

- Quem mandou sair de casa? Já pra dentro!

Ela rapidamente entrou.

- Então é seu esse cachorro? – perguntou um dos garotos.
- É meu sim! Por quê?
- Ele atrapalhou nosso jogo.
- Bem feito! Por que não vão jogar noutro lugar? Calçada não é lugar de bola! Não sabia disso? Calçada é lugar de gente passar! – despejou isso tudo com muita raiva e entrou, fechando a porta atrás de si.
- Nunca vi menina mais sem educação... – desabafou o garoto, sentindo-se mais injustiçado ainda, porque os outros passaram a rir dele. – Pior que o cachorro...

Nem é necessário dizer que ele ficou mais zangado ainda.

Enfim, final de jogo.

20. Na Delegacia de Polícia

Desde o dia em que ameaçou Antônia Minervina não conversou mais com ela. Torcia o nariz toda vez que a encontrava. Antônia, a partir de então, fez de tudo para que a cadela não mais fosse ao quintal. Mas Keity ludibriava a todos e ia, pois gostava de latir com os gatos que ficavam no muro. Durante a noite, sim, ela ficava do lado de fora, para dormir, porque seus latidos estridentes ecoavam na casa e com eles era impossível alguém dormir.

Contudo, como Minervina não mais reclamou, Antônia chegou a pensar até que tudo corria bem. Mas descobriu que não. Um dia, para sua surpresa, recebeu uma intimação; devia comparecer urgentemente à Delegacia de Polícia do distrito, afim de resolver assunto importante. Assim, no dia e hora marcados ela foi.

O delegado recebeu-a com amabilidade.

- Sente-se, por favor – indicou-lhe uma cadeira.

- Obrigada – Antônia se sentou.

O delegado fez uns despachos. Assinou uns papéis. Perguntou por fim para Antônia:

- A senhora sabe porque a chamei aqui, não?

- Não sei, doutor. Sinceramente que não sei porque estou aqui.

Mandou entrar a queixante.

Minervina entrou.

E Antônia então entendeu por que fora chamada. Minervina tanto ameaçou que deu queixa dela na polícia.

Minervina parou diante de Antônia. Olhou-a ameaçadoramente. Cruzou os braços como a dizer: “Eu não falei, dona Antônia, que um dia a senhora ia se dar mal comigo?”

E deu!

Antônia fez de conta que a presença dela não a incomodasse.

- Dona Antônia... – foi dizendo calmamente o delegado – a senhora sabe o motivo de vir aqui?

- Não senhor – ela repetiu. Então não seria melhor se fazer de boba? Com a vizinha ali dentro, claro que o motivo só podia ser ela.

- Dona Antônia – tornou o delegado. – Sinto incomodar a senhora, pois noto ser uma pessoa de bem... Mas a senhora tem

um cachorro, não tem?

- Tem dois cachorros! – adiantou Minervina, antes de Antônia responder. – Ela tem dois cachorros e um gato – completou.

O delegado encarou-a fixamente.

- Somente responda quando eu perguntar, minha senhora – disse energicamente. – No mais, permaneça calada.

Bem que Antônia teve vontade de rir. Porém se conteve.

- Tenho – ela confirmou. - Tenho de fato dois cachorros e um gato.

- A senhora tem conhecimento de que ultimamente eles vêm incomodando a vizinhança?

- Até hoje ninguém reclamou, doutor, portanto desconheço tal acusação, se é que me é permitido responder assim.

- Como desconhece? – interveio Minervina irada. – Então não é sua a cadela que fica atazanando todo mundo? Que fica o dia todo puxando minhas roupas do varal? Olha, Dona Antônia, eu lavo, torço, quando estendo a roupa no varal é só eu me afastar um pouco que sua cadela nojenta vem e puxa tudo! Não bastando isso, ainda esfrega minha roupa no chão; parece até de propósito! Parece até que alguém manda! Seu delegado, eu já não agüento mais... sem falar que um dia ela avançou na minha filha. Se eu não estivesse por perto...

O delegado ouvia tudo calmamente, com uma pontinha de irritação. Pontinha? Ele já estava ficando irritado mesmo! Com tantos assuntos pendentes para resolver e ele ouvindo discussão de comadres!

- Seus cachorros latem muito? – perguntou para Antônia.

- Como todos os outros cachorros, doutor. Eu acho que não.

- Como não late?! – outra intervenção abrupta da reclamante. – Se a cadela não faz outra coisa o dia todo a não ser latir!

O delegado por pouco riu.

- A vizinhança toda tem cachorro. E não é só o meu que late. Por que não reclama dos cachorros deles também?

- Porque não me incomodam! É só sua cadela que me incomoda!

Desta vez foi Antônia quem olhou repressiva para Minervina. Eta mulherzinha atrevida! Ah, não fosse a presença do delegado...

- Keity é travessa, admito, sei que gosta de puxar roupa do varal também. Ela puxa as minhas. Mas eu tenho feito de tudo pra ela não ficar durante o dia no quintal. E você sabe disso. Agora dizer que ela late demais, que quase morde sua filha, vai

me desculpar, porque tudo isso é mentira. Falo isso aqui na sua frente e na frente do delegado e posso trazer testemunhas aqui, doutor, se for preciso, pra provar que Keity nunca mordeu ninguém.

- Ora, se ela só fica latindo a noite toda! Parece até que não dorme, essa cadela! Impressionante! E com isso eu não consigo dormir! Eu preciso dormir! Eu quero dormir! Eu não posso viver sem dormir!

- Calma, Dona Minervina, não é necessário gritar aqui.

- Desculpa, seu Delegado.

- Veja bem, Dona Antônia, minha função aqui é manter a ordem no bairro. Se alguém vem até mim fazer uma queixa, tenho de investigar, senão não haveria razão da polícia existir. Concorda comigo?

- Concordo.

- Eu sei que é difícil pra senhora estar aqui. Imagino ser uma pessoa ocupada e... tem filhos?

- Tenho, duas meninas.

- Então, imagino que elas devam gostar muito da cadela, não é verdade? Crianças sempre gostam de cachorro, eu sei porque tenho crianças e cachorros também. Mas agora, cá pra nós, se um vizinho reclama é porque o caso merece atenção, não acha? Confesso que fico constrangido quando se trata de animais domésticos, sabe? Também já tive esse problema. “Por que fui dizer isso?” – pensou, lembrando duma época distante, de quando ainda não era delegado, em que tinha um cachorro bravo... Fez uma pausa e depois prosseguiu:

- Por enquanto, vou deixar a seu critério a solução do problema. Não vou interferir. Mas vou lhe propor um prazo, claro, pra que se entenda com sua vizinha – olhou para Minervina -, caso contrário vou ter de agir... Bem, espero que a senhora encontre uma solução imediata e... amigável.

- E quanto ao outro cachorro? O Veludo? – quis saber Antônia.

- Veludo não incomoda ninguém. Só Keity – disse Minervina.

De novo encarou-a o delegado.

Ele acendeu calmamente um cigarro. Deu uma bela tragada, acompanhando com os olhos a trajetória da fumaça. Em seguida falou:

- Encontre uma solução, Dona Antônia, logo, ou melhor, dentro de mais ou menos quinze dias.

E as despachou.

- Mas... mas... – Minervina queria perguntar ainda alguma coisa mas ficou só no “mas”, porque o delegado já havia

passado para outro caso.

As duas saíram da delegacia, cada qual tomando rumo diferente. Só que Minervina tomou o caminho mais curto, chegando, portanto, à casa dela mais cedo.

21 O Incidente

E por ter chegado mais cedo o que foi que ela presenciou?

Nesse dia era Cacilda quem tomava conta da casa. Ordeira como era, deu brilho aos móveis. Arrumou a cozinha. Encerou o chão. Deixou em pouco tempo tudo nas trincas. Mas ao ver a cadela pisoteando o chão com suas patinhas sujas de terra, se desesperou:

- Já pra fora!

Keity não obedeceu.

- Anda!!! Não quero saber de cachorro aqui sujando o chão!

O dia não estava para Keity. Quem foi que disse que ela saiu? Acabrunhou-se em seu cantinho dileto, trêmula. Cacilda então apanhou a vassoura tentando expulsá-la. Keity amedrontada encolheu-se mais ainda. Porém não saiu do lugar. Então Cacilda com muita raiva segurou-a pelo cangote, escancarou a porta e atirou-a com toda a força que lhe fora possível escada abaixo. Primeiro ouviu-se um impacto brusco, como se tivesse despencado um fardo do alto. Té Minervina assustou-se. Depois keity foi rolando, rolando, até bater com a cabeça no chão, ficando inerte.

Carla, que acabara de entrar na cozinha, ainda teve tempo de ver Keity rolar. E estatelar-se no chão. Pôs-se a gritar. Momento em que Antônia chegou.

- O que foi? – perguntou alarmada. – O que está acontecendo aqui?

- Madrinha matou Keity, mamãe.

Somente então ela viu Keity lá embaixo.

- Oh, meu Deus, parece até que tudo está dando errado pra mim hoje. Como é possível? Num só dia e acontece tudo isso?

Cacilda não dizia nada. Com lágrimas nos olhos, cabisbaixa... "Juro que não pretendia fazer isso", disse para si própria.

- Por que fez isso, madrinha? Eu vi! – disse Carla. – Ela matou Keity, mãe. Matou minha cadelinha! – e num átimo de raiva, xingou: - Sua bruxa!

- Oh, meu Deus, que foi que eu fiz! – exclamou Cacilda,

arrependida.

- Ela jogou Keity lá embaixo, mãe! Eu vi!

Cacilda encabulada, envergonhada, olhos fixos no nada, sentia as palavras da afilhada ecoar em seus ouvidos. Então narrou à comadre o acontecido.

- Paciência – acalmou-a Antônia. – O que está feito, está feito. E não se pode mudar o que tá feito. – E raciocinou: - Engraçado... agora há pouco eu fui intimada a dar fim em Keity e não sabia o que fazer. Agora o destino vem fazer isso por mim? Uma criatura tão boa, que nunca fez mal pra ninguém.

Lá de baixo Minervina gritou:

- Vem socorrer a cadela, Dona Antônia! Ela ainda tá viva!

“Agora a outra!”

Carla desceu. Antônia mais atrás. E Cacilda por último.

- O que aconteceu com Keity? – quis saber Minervina.

- Madrinha jogou ela lá de cima.

- Coitada... Gente ruim, essa... Não tem paciência com animal dos outros...

Antônia fez até de conta que não ouviu, senão...

E novamente ela teria de multiplicar suas atividades.

Levaram Keity ao veterinário. Ele pediu que a deixassem lá, em observação.

E como pagar a conta do veterinário?

Nessa tarde Carla não quis ver televisão. Nem brincar com Sônia. Ficara acabrunhada, tristonha, sempre pensando na atitude da madrinha, de sua antes bondosa madrinha Como é que ela pôde fazer isso, afinal? A madrinha que ela tanto amava! Como pôde castigar Keity desse jeito? A Keity que ela tanto estimava! Não, não podia ser Cacilda a autora desse ato tão... bárbaro... Não podia ser sua madrinha a bruxa que quase matou Keity. Não podia ser sua madrinha que...

Mas foi Cacilda, sim senhora. Então ela mesma não presenciou? Viu quando Keity se estatelou no chão. Viu quando ela caiu como um fardo qualquer. E tudo por causa de quê? De umas marcas no chão encerado?

22 Keity no hospital

Durante todo o tempo em que Carla permanecia ao lado de Keity, esta observava na menina um rostinho tristonho. Afinal,

por que Carla estava triste daquele jeito? Ela que sempre fora brincalhona, divertida, sorridente... por que agora estava sempre tão triste? Tentava mover o corpo, todo dolorido. A cabeça então coitada nem se mexia. Se mexesse com a cabeça sentia dor. Muita dor. Não sabia por que estava daquele jeito, enferma. Somente sabia que estava sofrendo, sentindo dor por todo corpo, como se estivesse com os ossos fora de lugar. Latir bem que queria mas não conseguia. A comida que lhe punham perto não comia. Pior que isso, muito pior que isso, não podia defender o quintal dos invasores. E eles eram tantos... incrível, nem mesmo defender a casa dos invasores ela podia. Por quê? Ela que estivera sempre alerta ao menor ruído que fosse, de dia ou de noite, a fim de defender a casa, agora estava deitada ali, inválida. E não podia ficar deitada muito tempo, porque precisava proteger a casa.

Então não tinha mais direito de latir, de ser como todo cachorro? De andar para onde bem quisesse; de pular, de correr pelo quintal? De latir? De brincar com o gato? De espantar os pardais barulhentos da árvore? Quem sabe numa hora desta eles estavam lá ciscando o chão, estragando tudo, zombando dela, Ah!: “Aí, sua boba! Agora podemos pulular no quintal e você não pode nos impedir, com seus latidos chochos...” Quem sabe? Ah!

Keity choramingava. Num momento em que Carla encostou a mão em seu dorso tentando segurá-la ela gemeu, então a menina se condoeu com a situação da cadela. E procurou não mais incomodá-la.

Antônia, preocupada como sempre, vivia preparando remédios caseiros. Será que eles iriam resolver? Refletia com calma. Num momento fez uma prece. Será que Deus protege cachorro? Claro, Deus protege os animais... Então Ele não é o Criador? Voltou sua atenção para a comadre. “Até hoje não entendi por que ela fez isso”, pensou. Será que estava enfurecida com alguma coisa? Por causa do namorado? Sei não! Reconheceu que há muita gente impaciente no mundo. Gente que toma atitudes inesperadas por impulso. Por que o mundo é assim, afinal? Repleto de gente hipócrita? Lembrou do delegado. Ele disse: “Dentro de quinze dias, Dona Antônia... dentro de mais ou menos quinze dias eu quero uma solução”. Então ela já não a tinha? Pronto! Keity doente não perturbaria mais ninguém. Não mais latiria no quintal, tampouco puxaria roupas do varal. Que absurdo! Quando todos podiam amá-la, defendê-la, não! “Ah, mas não tem nada não”, pensou. “A cadela haverá de ficar boa novamente, custe o que custar, e haverá de encontrar um lar decente para morar.

Suspirou fundo. Olhou para o céu. Fez um juramento secreto, uma promessa, um dia ficaria livre de tudo isso, só não sabia prometer o quê nesse momento. Daí prometeu para si mesma lutar pelo restabelecimento de Keity, pelo amor de Keity, e fazer tudo o que lhe fosse possível para que ela ficasse boa. E depois arrumaria um lar para ela ficar. Um ar para Keity! E essa gente ruim toda ia ver!

Dias depois Ismael a tranqüilizou dizendo que o veterinário ia parcelar o tratamento de Keity.

- Deus ouviu minhas preces! – agradeceu Antônia. – Eu bem sabia que esse moço não ia nos deixar na mão. Qual é o nome dele, Ismael?

- Marcelo. Dr. Marcelo. Ele é amigo de Maurício, lá da farmácia.

No salão de beleza que ora ia de vento em popa, Cacilda não parava de pensar no acontecido. Por que ela fizera isso, afinal? Já lhe fizera essa pergunta a si mesma um punhado de vezes e ainda não tinha obtido a resposta. Afinal, desde o momento em que viu a cadela estatelada no chão, desfalecida, passou a andar acabrunhada, cheia de remorsos, pensando numa maneira de reparar o erro.

E se Keity ficasse aleijada?

Essa pergunta a assombrou. E a atormentou, um bom tempo.

“E se eu pagasse as despesas com tratamento?” Todas as despesas!

“Faça isso, Cacilda”, disse-lhe uma vozinha lá dentro dela, seu Anjo da Guarda. No salão tudo estava correndo bem. E se deixasse de comprar o equipamento que necessitava para pagar o tratamento de Keity... Não seria uma boa idéia? Ligou para sua sócia. Ela tinha uma sócia, Dona Suely; esta prontamente a atendeu.

Explicou tintim por tintim seu intento.

- Se você acha que é necessário, Cacilda, a gente compra o equipamento mais tarde, faça isso o quanto antes, será uma belíssima atitude de sua parte para com essa família tão sofrida que a acolheu.

- Obrigada, Dona Suely, pela sua compreensão.

- De nada, Cacilda. Tenho certeza que se fosse eu quem estivesse nessa situação você agiria do mesmo modo.

- Agiria sim. Foi muito bom ouvir isso tudo da senhora.

E assim Cacilda fez, para a alegria de todos. A partir de então Keity teve tratamento de primeira. Fisioterapia, reabilitação... só vendo!

23 A Decisão

Nos dias em quem Keity ficou no hospital a casa viveu momentos de quietude, de solidão. Não estando a cadela para sapatear no soalho, muito menos para latir com as pessoas que chegavam, a casa perdera (e muito) aquele ar de alegre que sempre tivera, sobremodo porque as crianças também andavam tristonhas.

Veludo, então, coitado, cada vez mais velho e mais fraco, só queria mesmo era ficar deitado. Para ele parecia que nada mais no mundo tinha importância, certamente devido à velhice. De vez em quando dava uns latidos a esmo, mas logo se aquietava. Rosnar, como todo cão, pouco rosnava. Ficava quieto olhando as pombas e os pardais que ciscavam o chão, com aqueles seus olhos esbranquiçados, como a desafiar sua argúcia. Ele sem ânimo para espantá-los.

Passaram-se os dias. E talvez numa tentativa de reparar seu erro Cacilda levava as meninas todas as tardes à clínica para que vissem Keity. Como essas visitas deixavam Keity alegre, quem sabe também se com isso ela não se recuperasse mais depressa...?

De mais a mais, essas visitas não deixavam de se ser uma festa. Gratifiante. Pois as meninas se divertiam vendo cachorros de raça, cada qual mais engraçado que outro. E aprendeu um pouco mais sobre cães. Havia ali os Bassês, com suas pernas curtas e orelhas grandes e pendentes. Os pintadinhos Dálmatas. Os Cockers, Malteses, Poodles e muitos outros. Os Pequineses elas conheciam muito bem, por ser a raça de Veludo. E qual era a raça de Keity, afinal? Vira-lata?! Apesar de bonitos e elegantes, nenhum desses cachorros elas trocariam por Keity, a vira-latinha esperta. Sem falar que no caminho de volta dessas constantes idas à clínica Cacilda costumava comprar guloseimas para elas. Daí... dava por ventura para resistir?

Pois bem, nesse ínterim, Keity ficou internada quase um mês na clínica, aos cuidados da equipe do Dr. Kimare, um japonês simpático, engraçado e falante.

Cacilda arregalou os olhos quando recebeu a conta, mas,

como havia prometido, pagaria a sem pestanejar. E o Dr. Kimare sorriu ainda quando ela disse que o pagamento seria à vista.

- Bom, né? Que bom!

Em casa puseram-na na casinha que Ismael tinhas feito. Sorridente ela perscrutou as pessoas em volta, sempre desconfiada. Sempre abanando o rabinho. Enquanto isso todos olhavam-na contentes Enfim estava de volta ao lar! “Mas por quanto tempo?” perguntou Antônia de si para si, apreensiva.

Jonas, por sua vez, estava céptico, achando que o silêncio de Minervina era por pouco tempo. Até quando ela ficaria calada? Até a cadela começar suas estripulias outra vez?

Passado umas horas do retorno Antônia pensou que Keity estivesse muda. Todavia, para sua surpresa, Keity deu um breve latido: “Au!”

- Essa é a Keity que conheço! – alegrou-se a dona da casa. – Mas, será que vai voltar a andar?

Essa era a pergunta que ficara parada no ar bastante tempo. Todos temiam a resposta, no entanto todos a formulavam, constantemente. Ora por desconfiança, ora por dúvida. O Dr. Kimare prometeu que se ela não voltasse a andar ele rasgaria o diploma e não mais daria consultas.

- Ele deve falar isso a todo mundo – disse Cacilda.

Entretanto, outra pergunta atormentava:

- E se ela ficar aleijada?

Dias depois Antônia confessou para Ismael.

- Eu fico rezando para que Keity fique logo boa. E ao mesmo tempo fico com medo dela ficar boa e voltar a fazer que fazia antes. É uma angústia. Uma aflição. Só de pensar na provocação de Minervina... Sei não, nunca vi destino mais triste que o de Keity...

- Eu acho uma grande besteira você ficar se preocupando com o que nem pode acontecer, Mana. O que eu acho é que é desumano pensar que Keity vai ficar aleijada. Duvidar da palavra do Dr. Kimare é insensatez. Porque se ela não voltar a andar que graça terá? Já pensou nisso?

- Já pensei. E tenho rezado muito, sabe? Deus é misericordioso e Ele haverá de curar Keity. Tenho muita fé. Afinal, quero ela muito bem e não posso acreditar que ela fique aleijada o resto da vida.

- Eu também.

Enquanto discutiam seu futuro Keity se arrastava no quintal. De vez em quando uns latidos vindos de lá eram o prenúncio de que estava de fato ficando curada. É que ela se incomodava com

os pombos e os pardais que pousavam no chão e latia. Como eram tantos e ela não os alcançava, ficava furiosa e saía se arrastava pelo quintal. Assim a parte traseira de seu corpo estava ficando toda cor de terra. Porém ela não desistia. Diferente de Veludo que não se importava, não dava sossego às pombas e aos pardais.

Dava um pouquinho de trabalho na hora do remédio. Um porquinho? Bota trabalho nisso! Cerrava os dentes. Era preciso segurá-la com firmeza para que o líquido descesse goela abaixo.

Desse modo, com todo o cuidado que lhe era dedicado, em menos de um mês, depois de saído da clínica do Dr. Kimare, numa manhã ensolarada de Domingo as meninas presenciaram uma cena deslumbrante. Keity esticava as perninhas traseiras como se estivesse fazendo alongamento.

- Corre, mãe! – elas gritaram lá de baixo.

- Vem ver Keity!

Antônia inicialmente pensou que estivesse acontecendo algo de grave. Correu para o quintal. E se entusiasmou.

- Isso mesmo, Keity! – aprovou, estimulando a cadela.

Keity mancou um pouquinho. Mas quase andou. Incrível como a cadela estava progredindo. Até Minervina saiu de casa para ver. E sua filha Maricota também. Carla, no entanto, fez cara de reprovação quando avistou as duas.

- A cadela tá ficando boa, né, Dona Antônia? Até parece milagre – admirou-se Minervina. – Juro que pensei que ela não fosse andar nunca.

- Pensou é...?

Desse dia em diante Keity se recuperou a toque de caixa. Voltou a andar e não demorou muito a correr e a bolinar com as coisas que via; parecia a fim de recuperar tempo parado. Daí, quem foi que disse que permanecia na casinha? Ah, Quintal! Belo quintal de outrora! Tornara-se pequeno demais para ela. Voltou a fazer tudinho de novo: a latir com os gatos; a espantar as pombas e os pardais – adeus chão para esses invasores! – e a mexer com de Veludo, que não podia mais descansar sossegado em seu canto. E, para tormento de Antônia, a puxar roupas do varal. Era sem dúvida muita energia para um cachorro só.

- Estou sentindo cheiro de problema no ar – desconfiou Antônia certa feita. E lhe deu aquele arrepio de novo só em pensar nas provocações da vizinha que agora andava calminha como um vulcão extinto. Mas que ninguém sabe quando vai explodir. “Pobre Keity”, pensou. “Que destino será o seu?”

Efetivamente, nunca que as meninas pensariam dessa maneira. Agora que a cadela voltara a correr pela casa toda, para elas a alegria era geral. Nada melhor que deixarem-na à vontade na casa para fazer o que lhe desse na telha. Mas Antônia tinha razão em precaver-se. Brigar com Minervina por causa das travessuras de Keity jamais! E um dia reuniu a família para discutir o assunto: o destino de Keity.

Depois dos prós e dos contras ficou Decidido pelo menos por uns tempos encaminhá-la à oficina mecânica de João Felix, amigo de Jonas, que se oferecera para ficar com ela na oficina.

24 A Oficina mecânica

A oficina mecânica ficava no bairro do Tatuapé, num terreno baldio que João comprou para montar seu negócio. Não havia vizinhança por perto. Keity, portanto, estava fadada a passar sozinha a maior parte do tempo ali.

João era grandalhão no tamanho, grosseirão na atitude, mas de bom coração. E tido como excelente mecânico também. Tinha uma barriga grande e comia como um leão; era mais conhecido no bairro por esse atributo que por suas qualidades de bom mecânico.

Bem lá no fundo do terreno ele construiu um galpão de zinco, onde consertava os carros e guardava num quartinho contíguo as ferramentas maiores. As menores ficavam trancadas num cubículo que ele chamava de “escritório”, por ser onde guardava os livros fiscais.

Keity fora levada para lá de madrugada.

- Só tem um problema, hem, Seu João – recomendou Antônia antes de ela sair. – O senhor não pode maltratar minha keity.

- De jeito nenhum, Dona Antônia. A senhora pode ficar tranqüila. A cadela está em boas mãos. E quando a senhora quiser ver ela é só pedir que eu trago ela aqui. Ou então levo a senhora lá.

- Não carece tanto trabalho. Mas olhe lá, hem, seu João!

Nesse dia logo cedo, de Sônia sair para a escola, Carla deu pela falta de Keity. E fez a pergunta inevitável para a mãe:

- Mamãe, onde está keity?

Antônia não respondeu.

- Mamãe, eu perguntei onde está Keity.

- Eu não sei. Deve estar por aí. Lá na casinha dela. Não é lá que ela costuma ficar?

Carla antes tinha ido à porta da cozinha de onde espiara e não avistara Keity. Todos os dias quando ela abria a porta da cozinha, se deparava com a mesma cena: avistava Keity lá embaixo e Veludo deitado ao relento. Então Keity abanava o rabinho contente e vinha correndo cumprimentá-la. “Por que hoje no? Que será que aconteceu?”

- Mamãe, eu já olhei; no quintal ela não está – disse calmamente e espertamente.

- Então vai ver que foi pra rua. Agora com a porta aberta o tempo todo!

“Keity ao iria embora. Iria embora por quê?”

querendo certificar-se de que estava enganada, desceu as escadas. Deu uma varrida de olho no quintal. Nada da Keity. Estendeu a visão para os lados de Minervina; esta esfregava roupas.

Carla perguntou:

- Minervina, Keity está aí?

- Não está não, Carla. Engraçado que não vi a Keity hoje. Que será que aconteceu com ela?

Carla então ficou de orelha em pé. “Mamãe está escondendo alguma coisa.” E pôs-se a chorar.

- Cachorro é que nem gente – consolou-a cinicamente Antônia. – Quando cansa da casa vai procurar abrigo noutro lugar.

- É mentira!

Indiferente Antônia continuou sua explanação.

- A senhora pensa que sou boba, mãe? A senhora DEU`! ela para alguém.

Antônia desconfiou que seria mais conveniente manter-se calada.

Carla, entretanto, não se conformou.

- Ah! vai ver que ela acompanhou Sônia – lembrou Antônia por fim.

Então Carla se animou.

- Será mãe?

Mas quando Sônia chegou, disse que não. E ao saber do sumiço fez coro com a irmã que já chorava havia muito e chorou também. E o resto da tarde passaram as duas a chorar. Então Antônia achou que já era hora dumas palavrinhas de conforto.

- Minhas filhas, vocês estão crescidinhas e precisam entender melhor as coisas. Tudo indica que Keity desapareceu. Ou ela foi roubada ou decidiu não mais ficar aqui e foi embora. Cachorro é que nem gente, sabiam? Vocês se lembram que ela ficou doente tanto tempo sem poder andar? Vai ver que agora saiu pra descontar o tempo perdido. E foi pra rua e se perdeu...

- A senhora tá tentando enganar a gente, né, mãe? Keity toda vez que saía sabia voltar. Ela sempre fez isso.

Antônia por fim reconheceu sua derrota. Não, não adiantava mentir. Quanto mais mentia, mais a revolta crescia.

As meninas prometeram fazer finca-pé até trazerem a cadela de volta.

Nas primeiras horas na oficina Keity chorou muito, incomodando a todos. Comia menos que o necessário. Ficou assim alguns dias. Por isso já na primeira semana João quis levá-la de volta, porém desistiu da idéia.

No Segunda semana foi a mesma coisa. Na terceira... keity não aceitava ficar ali. E toda sua robustez foi-se embora. Agora parecia mais comprida que roliça. E como precisava ficava amarrada o dia todo, latia muito, gemia muito, uivava muito. Só parava quando estava cansada ou com sede. Aí bebia uns bons goles d'água e voltava aos uivos. João ficando impaciente. "Devolvo ou não devolvo essa cadela?" Não devolvia! Alguns fregueses criticavam-no por isso. Uns ficavam com pena, outros brincavam dizendo que ele raptou a cadela. Com isso ficava desconcertado. Afinal, ele que pensara fazer de keity uma guardiã da oficina, ficou encabulado. Ficou mais ressentido ainda quando alguém brincou:

- Vai ver que ela não come.

- Esse cachorro deve ter sido criado com criança – disse um senhor de idade. - Conheço esse tipo de cachorro. Porque cachorro que é criado junto com criança não consegue ficar sozinho. Dificilmente consegue.

- Se eu fosse você, João, levava essa cachorra de volta.

- Vou pensar no assunto.

Então João bolou um plano para levar Keity de volta.

Jonas o desestimulou.

- Vamos dar tempo ao tempo - disse. Ela se acostumará. E as crianças também.

Mas... será?

25 De jeito nenhum

Porém depois que ele empregou Valdir, Keity mudou da água para o vinho. Reagiu e rapidamente progrediu. Valdir era espirituoso, brincalhão, um rapaz deveras divertido. Sempre de bem com a vida. Era o único ali que conversava com a cadela. E ela rapidamente se afeiçoou a ele. Aí passaram a ser “o queijo e a rapadura”. E tornou-se enfim aquilo que João Felix queria: a guardiã da oficina.

Além de Valdir havia ali mais três empregados. Um deles era mecânico, e outros dois, aprendizes. Valdir era vigia noturno. E talvez o mais indisciplinado de todos, o mais rebelde mas também o mais terno. Pensando bem, tinha o mesmo comportamento de João que o tinha como desastrado, mas também como muito bom rapaz. Como não tinha filhos, só filhas, caso tivesse um desejava que fossem igualzinho ao Valdir.

Durante o dia Keity observava o movimento da oficina, presa a uma corrente. Isso porque ela estranhava ainda as pessoas que chegavam. De noite quando o portão estava trancado ela ficava solta, em companhia e Valdir que vivia dando uns pulinhos fora. E, apesar de seu pequeno porte Keity desempenhava com bravura sua função de protetora do patrimônio de João.

E se alegrava quando Valdir retornava. Isto porque ele sempre a agradava; brincava com ela fazendo-a pular bem alto ou apanhar um pedaço de pau que ele atirava lá longe. Com isso o tempo ia passando e amos não ficavam sem ter o que fazer. Diante disso desistiu João de levar Keity de volta.

Mas, será que as crianças já se acostumaram sem ela?

Também Valdir, quando dava uma bandas de carro, ao retornar trazia comida para Keity. E assim viviam em cooperação um com o outro.

E nessa troca de amabilidades permaneceram por mais de um mês, até João um dia o entristeceu:

- A cadela vai embora daqui.

- Por que Seu João? – perguntou desconfiado o ajudante.

“Será que o patrão estava sabendo que ele saía e deixava a cadela sozinha?

- A antiga dona tá pedindo ela de volta. As filhas dela continuam querendo a cadela. O pai me disse que chegam a ficar doente. O que acho uma pena... a cadela sair daqui...

- Eu também acho. Eu que gosto tanto dela. Juro que nunca pensei que a peludinha um dia fosse embora daqui. Por que o

senhor não inventa uma mentira, patrão, como por exemplo que a cadela foi atropelada por um carro e morreu?

João olhou para ele zangado.

- Deixa de ser sonso, Valdir! Sabe que eu nunca seria capaz de fazer uma coisa dessas!

- Não precisa zangar não, patrão, foi só uma idéia.

- Pois se mais uma vez você me vier com uma sugestão dessas eu ponho no olho da rua, de mala e tudo! Entendeu? Se existe uma coisa neste mundo que não tolero é desonestidade. Á certo? – deu um tapinha nas costas do empregado.

- Tá certo, Seu João. O senhor tem toda a razão. Mas que vai fazer falta a peludinha, ah, vai!

Antônia também ficara triste com a partida de Keity. Todos ficaram tristes, aliás. Era como se parte deles ido embora dali. Veludo, Malhado... com certeza deviam estar se perguntando: “Onde foi parar Keity?” Sim, era a pergunta que as meninas também faziam. E Antônia não mais sabia o que responder. As mentiras não tinham mais fundamento. E a verdade sem dúvida às vezes dói.

Um dia, no entanto, para sua surpresa Minervina foi até ela e falou:

- Eu fiz aquilo tudo, Dona Antônia, indo na delegacia, foi porque fiquei com raiva na hora. Mas juro que mudei de idéia. Já fui até lá e retirei a queixa.

Antônia ficou pasma. porém descobriu que era verdade, indo à delegacia para confirmar.

- Sem dúvida. A senhora está livre da intimação. Já ia comunicá-la desse fato. E como está a cadela?

Então Antônia contou o acontecido.

- Antes que seja tarde, Dona Antônia, traga ela de volta.

Antônia agradeceu.

- Siga meu conselho. Imediatamente, traga ela de volta. A senhora vai ver que as meninas vão ficar boas.

- Não sei Seu Delegado, é tudo uma questão de tempo. Agora ela está assim. Mas depois não sei.

- Pense no assunto.

Nesse meio tempo, quando numa tarde uns garotos jogavam pelada próximo à oficina e Keity estava solta – agora ela já se acostumara com as pessoas do local e como prêmio ficava o tempo todo fora da coleira – um deles foi atacado por um cachorro de rua e ela o defendeu heroicamente embarafusando-

se com ele. Este, além de muito maior que ela, era bravo demais. Keity saiu da briga toda marcada de dentes. Mas lutou até expulsá-lo dali. O fato surpreendente foi presenciado por um repórter que estava na oficina. Este decidiu fazer uma matéria sobre Keity. E fez. Reconstituindo tudo, mandou brasa na reportagem. Ele e equipe montaram umas parafernálias. De noite keity foi vista como heroína, na televisão.

Carla e Sônia estavam sentadas no sofá-cama, no momento em que uma a repórter falava mostrando o local, os meninos, depois a Keity.

Foi quando Sônia gritou:

- A KEITY! É A KEITY! – e saiu correndo para chamar a mãe. – Corre, mãe! A Keity tá na televisão.

Antônia ainda conseguiu ver um tantinho da reportagem. Antes de passarem para a matéria seguinte.

- Liga lá prá televisão, mãe! Fala pra eles trazerem Keity! Agora! – disse Carla. – Eles sabem onde ela está – e desfez-se em prantos.

- Eu vou ligar...

E Antônia então teve uma genial idéia que ela considerou genial. A fim de não falar que foram eles quem deram a cadela, entrou em acordo com Jonas que concordou. Ele fingia que ia à televisão e reclamava a cadela. Ele assim fez. Só que a televisão na verdade era a oficina de João. Assim ficou parecendo que Keity fora de fato roubada. “Mais uma vez a mentira em ação”, pensou Antônia.

João deu banho na cadela. Passou-lhe talco. Talvez fosse esse o primeiro banho de Keity. Já tinha desaparecido os ferimentos.

Era uma manhã ensolarada de Sábado.

- Quem vai ficar chateado é o Valdir – disse ele – quando souber que não mais está aqui a cadela.

Levou Keity de volta.

As meninas tinham saído com o pai. Tudo preparado por Antônia. Ele faria a fim de fazer-lhes surpresa. E de fato fez.

Antônia lidava com costura quando keity chegou.

Ao ouvir a campainha, abriu a porta.

Keity rapidamente entrou. Farejou a casa. Olhou para um lado e para outro reconhecendo a casa. Sempre abanando o rabinho.

Antônia suspirou fundo.

“Ah, quanta saudade!”

Parecendo com medo keity ficou distante dela algum tempo, mas depois, como se perdesse o medo abanou mais rapidamente o rabinho.

Foi quando Antônia falou:

- Tá com medo de mim, Keity?

Ela então pulou seu colo pra lá de contente. E apesar do banho, manchou a sáia de Antônia com os pêlos enegrecidos de graxa.

Nisso entraram as meninas e a festa foi total. Ambas choraram muito, agora de alegria.

Foi quando Antônia prometeu:

- Mesmo que a gente precise mudar de casa, nunca mais vamos nos separar. - E completou: - Se Deus quiser.

* *

Dados Sobre o Autor e sua Obra

José Guimarães e Silva nasceu em Cáceres, Estado de Mato Grosso, em 22 de março de 1951. É o caçula de seis irmãos, filho do segundo casamento de seu pai.

Quando tinha apenas três meses de nascimento, a família mudou-se para Cuiabá, cidade em que viveu até a idade de 19 anos, passando depois a residir em São Paulo.

Em Cuiabá, depois do curso primário no Grupo Escolar "Prof. Joaquina de Cerqueira Caldas", ingressou-se na Escola Industrial de Cuiabá, hoje Escola Técnica Federal de Mato Grosso. Em Cuiabá também serviu o exército no 16 Batalhão de Caçadores, onde dava asas à imaginação escrevendo cartas de amor, às namoradas dos colegas que não sabiam ler.

Em São Paulo, concluiu o curso de Ciências Físicas e Biológicas, licenciatura, primeiro grau. Matemática, segundo grau, na universidade São Judas Tadeu. E Mestrado na PUC-SP.

O desejo de escrever surgiu de forma espontânea, procurando expressar seus sentimentos e experiências, estimulado pela professora de

Português, que sempre elogiava suas redações. E essa motivação cresceu quando em 1980 foi contemplado com a Sexta colocação do II Concurso Literário "Em breve nascerá outro escritor", com o conto "**O Investidor Ilícito**". Esse conto faz parte do livro "**O Velório do Boi**", a ser editado brevemente, pela Editora Talento Brasileiro.

No entanto, só voltou à escrita agora, que se encontra aposentado, pela Caixa Econômica Federal.

Hoje é membro do Grupo Poetrix: http://poetrix.vila.bol.com.br e Escrivaninha: http://www.netpar.com.br/tits
Hoje, em Pouso Alegre, próspera cidade do Sul de Minas, onde reside desde 1999, passa o tempo brincando com sua filha Luiza, de cinco anos de idade, que o alegra sempre suas invencionices ou contando estórias sem pé nem cabeça, enquanto o pai escreve as dele.
As opiniões serão sempre bem-vindas.

Livros publicados:

"**Companheiro de Viagem**", Editora Salesiana Dom Bosco, 1981 e Virtual & Editora, 2001; http://www.papelvirtual.com.br

"**O Desconhecido**", conto, em "Nova Literatura Brasileira", Shogun Editora e Arte, 1983.

"**O Velório do Boi**", contos, Editora Talento Brasileiro; http://www.talentobrasileiro.com.br
e-mail: guima@pa-online.com.br e guima.sil@globo.com